



# atos

do conselho superior

---

ano LXI — julho-setembro de 1980

n. 297

órgão oficial  
de animação  
e de comunicação  
para a  
congregação salesiana

ROMA  
DIREÇÃO GERAL  
OBRAS DE DOM BOSCO



# atos

do conselho superior  
da sociedade salesiana  
de São João Bosco

---

ORGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

**n. 297**

ano LXI

julho-setembro de 1980

1. CARTA DO REITOR-MOR	P. Egídio VIGANÓ <b>O nosso compromisso africano</b>	<b>3</b>
2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	P. Juvenal DHO († 17.5.1980) <b>Os sinais educativos da presença de Deus</b>	<b>30</b>
3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	Profissão religiosa e sagrada ordenação: envio de certificados e respectivas atas	<b>34</b>
4. ATIVIDADES DO CONSELHO	4.1 Da crônica do Reitor-Mor 4.2 Atividades dos Conselheiros	<b>35</b> <b>35</b>
5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1 Solidariedade fraterna (32.ª relação) 5.2 O Papa em Turim 5.3 O Reitor-Mor, da África 5.4 Novos Inspectores 5.5 Novos Bispos 5.6 Ex-alunos: novo Presidente 5.7 Dados estatísticos 5.8 Irmãos falecidos	<b>44</b> <b>45</b> <b>63</b> <b>64</b> <b>65</b> <b>67</b> <b>68</b> <b>70</b>

Composto e impresso nas  
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS  
Rua da Mooca, 766 (Mooca)  
Fone: 279-1211 — P. A. B. X.  
Caixa Postal, 30 439  
SÃO PAULO

## 1. CARTA DO REITOR-MOR

---

P. Egídio VIGANÓ

### **O nosso compromisso africano**

A morte do P. Juvenal Dho e a sucessão. — "O NOSSO COMPROMISSO AFRICANO". — O Reitor-Mor no continente negro — **A hora da África**. — O "encontro" do Papa com a alma africana. — Uma "reserva" de valores humanos. A "africanização" da Igreja. — A nova presença do Carisma de Dom Bosco. — O nosso Fundador viu-nos na África. — Estimulante apelo a toda a Família Salesiana. — Conclusão.

#### *Queridos irmãos*

na tarde de 17 de maio p. p., ao voltar de Butare para Kigali, em Ruanda, recebi pelo rádio a triste notícia do falecimento repentino do Conselheiro para a Formação, o pranteado PADRE JUVENAL DHO. Podeis imaginar a surpresa e a dor. Com o Regional, P. Vanseverèn, e meu colega de viagem, o coadjutor Renato Romaldi, regressamos a Roma, mal chegando a tempo para os solenes funerais na Casa Geral.

A morte do Conselheiro para a Formação é para nós uma grave perda. Fez-nos meditar muito!

Pensamos no testemunho que nos deixou o querido P. Dho: vocação missionária, consagração convicta e satisfeita, bom coração, sabedoria de discernimento espiritual, competência nas ciências humanas, serviço constante na educação dos jovens especialmente no setor

da pastoral vocacional, numerosos e qualificados serviços em vários setores da vida eclesial, dedicação prudente e generosa à formação dos irmãos segundo as últimas orientações capitulares. Nesse último campo de trabalho, delicado e exigente, para a animação a nível mundial da formação inicial e permanente foi que a morte o colheu, como para comprovar, dada a importância do cargo que ocupava, a corajosa afirmação de Dom Bosco, que seria um dia memorável para a Congregação aquele em que um irmão tombasse no seu sacrificado posto de trabalho.

Pensamos na imperscrutabilidade dos planos de Deus. Como diferem das nossas programações, dos nossos cálculos e dos nossos desejos! A morte, sobretudo se repentina, sobretudo se paraliza um setor vital do que estamos procurando realizar precisamente para o advento do Reino segundo os planos de Deus, faz-nos meditar com dolorosa profundidade na atitude genuína da nossa fé e no paradoxo da segurança que acompanha nossa esperança.

Pensamos na mamãe do P. Dho, nos seus parentes, nos seus amigos, em nós, colegas do Conselho, nos seus colaboradores do dicastério e em todos os irmãos, que o estimavam e amavam.

Pensamos sobretudo nele, no seu encontro com Cristo, no mistério do além.

E transformamos toda essa abundância de meditação numa prece de louvor, sufrágio e petição.

Convido-vos a todos a que continueis ainda a rezar pelo nosso inesquecível P. Juvenal Dho, pelos seus caros, pela Congregação.

Ele nos acompanhará e ajudará em Cristo a continuar o trabalho e a resolver os problemas que se criaram. De modo particular lembrarei-lhe-ei continuamente o nosso projeto africano, porque a memória da sua morte está unida à

primeira presença do Reitor-Mor na África. É, pois, lembrando o P. Dho, e um pouco também junto com ele, que desejo falar-vos agora brevemente do nosso "compromisso africano".

1. Constituições 147

Comunico-vos também a nomeação<sup>1</sup> do novo Conselheiro para a Formação, o P. PAULO NATALI. Ele já pertencia ao Conselho Superior como Regional da Itália e do Oriente Médio. Em seu lugar, como Conselheiro Regional, foi nomeado o P. LUÍS BOSONI. A ambos os parabéns, a colaboração e a prece de todos os irmãos.

### **O nosso compromisso africano**

Como vos ia dizendo, estive no grande continente africano (mais de 33 milhões de quilômetros quadrados!). Quis que me acompanhasse como colaborador o Sr. Renato Romaldi, salesiano coadjutor. Desejava mostrar que chegavam um "padre" e um "coadjutor" juntos, para que dessa maneira se evidenciasse a complementaridade da vocação salesiana da nossa Congregação, que se empenha em fazer crescer o seu carisma naquele continente.

Antes de expor algumas reflexões sobre a viagem, deixai-me formular uma afirmação solene. Ei-la: *O Projeto-África é hoje, para nós salesianos, uma graça de Deus!*

Disso estou convencido. Queria fazer-vos participar desta convicção.

### **O Reitor-Mor no continente negro**

Em meses passados (fevereiro e maio) pude fazer duas viagens à África. Levou-me a isso o mandato do Capítulo Geral 21: "O relançamento missionário requer objetivos concre-

tos, exige a adoção de uma estratégia orientada para os países nos quais a ação missionária é mais urgente. Por isso, no início do segundo centenário da presença salesiana, recordando o desejo profético de Dom Bosco<sup>2</sup>, os salesianos, sem excluir a possibilidade de iniciar e desenvolver sua ação missionária em outras regiões promissoras ou necessitadas, empenham-se em aumentar de maneira significativa sua presença na África”<sup>3</sup>.

No sul do continente, durante a primeira viagem, entrei em contato com os irmãos que já trabalham na república da África do Sul, no reino de Suazilândia e em Moçambique.

No centro do continente, durante a segunda viagem, pude estar, em Libreville, com os irmãos do Gabão, de Camarões, da Guiné equatorial e do Congo; depois, em Lubumbashi e em Kigali, com os irmãos do Zaire, de Ruanda e de Burundi. Estive também em Zâmbia e no Quênia.

Pude verificar a validade do trabalho que há anos realizam algumas Inspetorias generosamente missionárias: Irlanda, Portugal, França, Espanha, Bélgica.

E pude imaginar e saborear de antemão a novidade de presença exigido pelo Projeto pós-capitular para a África, tanto nas zonas já há tempo assumidas<sup>4</sup>, como nas novas presenças que já começam a tornar-se realidade pelo menos em outras oito repúblicas: Angola, Benin, Libéria, Senegal, Sudão, Quênia, Tanzânia e Madagáscar.

Há atualmente uma só Inspetoria salesiana em todo o continente: a da África Central (Zaire, Ruanda e Burundi) com duas casas de formação para irmãos africanos de vários países: o noviciado e o pós-noviciado em Butare (Ruanda) e a comunidade para os estudantes de teologia em Kansébula (no Zaire). Os que

2. Memorie Biografiche  
16, 254

3. Documentos capitulares  
147a

4. Cf. Bollettino Salesiano,  
março 1980  
pp. 20-23

estiveram no último Capítulo Geral conhecem outrossim o primeiro irmão africano mestre de noviços, P. Jacques Ntamitalizo. Além disso, temos ainda dois irmãos africanos bispos: Dom Sebhatleab Worku, na Etiópia, e, recentemente, Dom Basile Mvé, no Gabão.

### A hora da África

A África é uma explosão de novidade e futuro. Superada por fim a época colonialista, surgiram muitas novas nações, cujas populações empenham-se em ser verdadeiros protagonistas da própria história.

Dirigindo-se ao parlamento da Uganda, Paulo VI, onze anos atrás, havia descrito a África como já “emancipada do seu passado e madura para uma nova era”; e em maio passado, João Paulo II confirmou no Quênia que “essa nova era começou!”<sup>5</sup>: “A África está para adquirir a dimensão que lhe é devida na ordem planetária”<sup>6</sup>.

Todavia as múltiplas nações africanas, exuberantes de juventude, vêm-se assediadas por numerosos problemas, e sentem-se abaladas pelo difícil diálogo entre as suas culturas características, já seculares, e a “nova cultura”. Esse diálogo emerge em toda a parte sob os impulsos da técnica, das ciências e das ideologias. O perigo de plágio e de domínio por parte de sistemas não abertos ao Evangelho é, infelizmente, ameaçador e o “materialismo, venha de onde vier, é uma escravidão da qual é preciso defender o homem”<sup>7</sup>.

Há urgente necessidade de Cristo para que o homem africano cresça integralmente tal na sua realidade!

Uma viagem à África não é tão-somente um deslocamento geográfico e uma descoberta

5. 6 de maio de 1980, encontro com o Corpo diplomático acreditado em Nairobi

6. 10 de maio de 1980, ao Presidente da Costa do Marfim

7. João Paulo II

de costumes originais. É também uma espécie de vôo na história aos primeiros séculos do cristianismo, quando os povos passaram, digamos assim, de uma espécie de Antigo Testamento para a Nova Aliança.

É verdade que do II ao IV século houve intensa vida cristã nas regiões mais setentrionais da África: "Vêm à memória os nomes dos grandes doutores e escritores, como Orígenes, S. Atanásio, S. Cirilo, luminares da Escola Alexandrina, e, na outra faixa da margem mediterrânea africana, Tertuliano, S. Cipriano e sobretudo S. Agostinho, uma das luzes mais refulgentes da cristandade. Lembraremos os grandes santos do deserto, Paulo, Antônio, Pacômio, primeiros fundadores do monaquismo que, a seu exemplo, espalhou-se posteriormente no Oriente e no Ocidente. E, entre tantos outros, não queremos omitir o nome de S. Frumêncio, Chamado Abba Salama, o qual, consagrado bispo por S. Atanásio, foi o apóstolo da Etiópia. Esses luminosos exemplos, bem como as figuras dos santos Papas africanos Vítor I, Melquíades e Gelásio I, pertencem ao patrimônio comum da Igreja, e os escritos dos autores cristãos da África são ainda hoje fundamentais para aprofundar, à luz da Palavra de Deus, a história da salvação. Na lembrança das antigas glórias da África cristã (... cumpre lembrar também) a Igreja grega do Patriarcado de Alexandria, a Igreja Copta do Egito e a Igreja Etiópica, que têm em comum com a Igreja Católica a origem e a herança doutrinal e espiritual dos grandes Padres e Santos, não somente de sua terra, mas de toda a Igreja antiga. Elas muito fizeram e sofreram para conservar vivo o nome cristão na África por entre as vicissitudes dos tempos"<sup>8</sup>.

Não devemos esquecer que tudo isso é história, e muito importante. A maior parte das jovens nações africanas, porém, está ape-

8. Paulo VI, *Africae terrarum* 3-4

nas celebrando o primeiro centenário do seu ingresso no cristianismo; se é que esse ingresso não é até mais recente. Portanto pode dizer-se que há apenas algum decênio se está a realizar a inculturação africana do Evangelho de Cristo ressuscitado. Com velocidade, porém, bastante acelerada.

Durante os onze anos transcorridos da viagem de Paulo VI a Kampala à de João Paulo II a Quinxassa, o número dos católicos africanos praticamente dobrou, passando de cerca de 25 a mais de 50 milhões. Cresce e amadurece na África uma novidade eclesial vasta e promissora, em consonância com as grandes perspectivas eclesiais e missiológicas do Vaticano II. Isso levou a rever toda a metodologia missionária.

Quase em toda a parte estabeleceram-se Igrejas locais com hierarquia autóctone. Hoje, mais que "implantar a Igreja", trata-se de incorporar colaboradores válidos às jovens Igrejas locais, com suas características culturais, a fim de ajudá-las a crescer, fortificá-las na assunção do Evangelho, enriquecê-las dos carismas que o Espírito suscitou na Igreja Universal com vistas a uma vitalidade multiforme em todos os povos.

### O "encontro" do Papa com a alma africana

O Santo Padre João Paulo II visitou, de 2 a 12 de maio, as Igrejas e as populações de seis países da África central que celebravam o centenário do início da sua evangelização: Zaire, Congo, Quênia, Gana, Alto Volta e Costa do Marfim.

Foi uma viagem histórica para o futuro do cristianismo no continente. A nós salesianos ela é portadora de confirmação mui autorizada do nosso mandato capitular e de lisonjeiras

promessas no nosso projeto africano já em andamento.

Nessa viagem apostólica e profética do Papa, queria salientar dois aspectos que sobretudo nos devem fazer refletir: a sensibilidade para com os muitos valores humanos da cultura africana, e a vontade clara de aculturação do Evangelho e de africanização da Igreja.

#### Uma "reserva" de autênticos valores humanos

O Papa verificou com alegria e salientou com profunda intuição a abundância de valores humanos e a extraordinária sensibilidade religiosa dos povos do continente negro. Por isso definiu a África como um grande "campo de trabalho", "reservatório espiritual do mundo".

No último dia, ao proferir patéticas palavras de despedida, em Abidjão, exclamou com comovente afeto: "Adeus agora a ti, África, continente já antes tão amado e que, desde a eleição para a Sé de Pedro, desejava com impaciência conhecer e percorrer. Adeus aos povos que me receberam, e a todos os outros aos quais muito me agradaria um dia, se a Providência o permitisse, levar pessoalmente o meu afeto. Muitas coisas aprendi durante este período. Não podeis fazer idéia de quanto foi instrutivo (...). A África pareceu-me vasto campo de trabalho, de todos os pontos de vista, com as suas promessas e também, talvez, com os seus riscos (...). Há um patrimônio original, que é absolutamente necessário salvaguardar e promover harmoniosamente. Não é fácil controlar semelhante ebulição e fazer com que as forças vivas sirvam a um autêntico progresso ... Não deveis imitar, queridos irmãos e irmãs africanas modelos estrangeiros baseados no desprezo do homem ou no interesse (...). Não deveis deixar-vos enganar com as

vantagens de ideologias que fazem cintilar diante de vós uma felicidade completa, sempre adiada. Sede vós mesmos!"<sup>9</sup>.

9. 12 de maio de 1980, despedida da África, na Costa do Marfim

Frente a esse campo de trabalho, também os outros povos deverão aprender a haurir alguns importantes valores humanos. O Papa enumera-os em várias ocasiões: "seu coração, sua sabedoria, (...) seu sentido do homem, seu sentido de Deus"<sup>10</sup>; "forte sentido comunitário nos diferentes grupos que constituem a estrutura social", "propensão inata ao diálogo", "sentido de celebração expresso em alegria espontânea", "reverência para com a vida"<sup>11</sup>; variada diversidade "conservada intata pela inegável unidade de cultura", "concepção do mundo em que o sagrado ocupa lugar central", "profunda consciência do laço existente entre o Criador e a natureza", "espontaneidade e alegria de viver expressas em linguagem poética, canto e dança", "cultura rica de dimensão espiritual onicompreensiva". Por isso "a África é chamada a fazer surgir novos ideais e novas intuições num mundo que demonstra sinais de cansaço e egoísmo"<sup>12</sup>.

10. 2 de maio de 1980, discurso ao Presidente do Zaire

11. 6 de maio de 1980, encontro com os Diplomatas em Nairobi

12. 8 de maio de 1980, ao Presidente de Gana

13. 4 de maio de 1980, aos Diplomatas em Quinxassa

O Papa, entretanto, deve constatar também "com estupor cheio de tristeza"<sup>13</sup> as influências provenientes do pecado, da ignorância, da superstição e da importação de sistemas materialistas que adulteram a suspirada libertação do colonialismo e arruinam o verdadeiro crescimento cultural: "o materialismo sob todas as formas é sempre causa de escravização para o homem; seja escravização a uma busca sem alma dos bens materiais, seja escravização, pior ainda, do homem, corpo e alma, a ideologias atéias, sempre afinal escravização do homem ao homem"<sup>14</sup>.

14. 4 de maio de 1980, aos Universitários e aos intelectuais em Quinxassa

Nem capitalismo consumista, pois, nem marxismo. É sintomático ver como também em Puebla o Papa e o Episcopado latino-americano advertem o terceiro mundo que a luz do Evan-

gelho não passa por esses dois caminhos materialistas.

Vede como o Papa soube penetrar o "coração" africano, estimulando a atenção e a simpatia de todos os crentes do mundo.

### A "Africanização" da Igreja

O Santo Padre tratou dos valores da cultura africana de preferência ao falar a Presidentes de Estados, Diplomatas, Intelectuais e Universitários. Tratou ao invés da "africanização" da Igreja sobretudo nos seus discursos aos bispos e aos seus estreitos colaboradores, mormente aos presbíteros.

São dois temas intimamente relacionados que exigem busca, estudo, coragem e fidelidade. A africanização do cristianismo abrange, disse o Papa, "campos vastos e profundos, que não foram ainda suficientemente explorados, quer se trate da linguagem para dar a conhecer a mensagem cristã de modo que atinja o espírito e o coração, quer se trate da catequese, da reflexão teológica, da expressão mais apta na liturgia ou na arte sacra, de formas comunitárias de vida cristã"<sup>15</sup>.

A missão da Igreja é, em toda a parte, fazer discípulos. Ela se esforça por suscitar na África, através do poder do Espírito do Senhor, cristãos autenticamente africanos; Ela tem a força, que lhe vem do Alto, de fazer com que os africanos sejam genuínos discípulos de Cristo ressuscitado, conservando, purificando, transfigurando e promovendo todas as riquezas do seu patrimônio cultural específico.

Falando da obra de africanização da Igreja, obra necessária e demorada, o Papa recordou freqüentes vezes a ação fundamental e benemérita dos missionários, a misteriosa fecundidade

15. 3 de maio de 1980, encontro com os bispos do Zaire

dos mártires, a importância das vocações autóctones e a urgência de um laicato evangélicamente formado e empenhado nos problemas do desenvolvimento, a indispensabilidade da vida consagrada e religiosa na sua multiforiedade de carismas, particularmente o cultivo das vocações femininas à consagração como parte viva da promoção da mulher na Igreja e na Sociedade: “As mulheres africanas — disse o Santo Padre — têm sido, de boa vontade, portadoras de vida e guardas dos valores da família. De maneira semelhante, a consagração das mulheres numa doação radical ao Senhor em castidade, obediência e pobreza constitui um meio importante para transmitir às vossas Igrejas locais a vida de Cristo e um testemunho de mais ampla comunidade humana e de comunhão divina”<sup>16</sup>.

16. 9 de maio de 1980, alocução aos bispos de Gana em Kumasi

João Paulo II reconhece com complacência que a África já se acha a caminho neste processo, e atingiu certa maturidade: “essa maturidade é maturidade de juventude, de alegria, de força, de serem eles mesmos, de encontrarem-se nesta Igreja como a sua Igreja. Não é a Igreja importada de fora, é a sua Igreja, a Igreja vivida autenticamente, africanamente”<sup>17</sup>.

17. 14 de maio de 1980, entrevista a L'Observatore Romano

O argumento da inculturação do Evangelho é central na mensagem magisterial do Papa na África. Mas é um tema delicado e difícil, que exige reflexão contínua e aguda e discernimento sempre atento. Recordamos algumas afirmações do Santo Padre.

— Primeiramente, trata-se de *um processo que dura há séculos*, que sempre acompanhou e caracterizou as grandes épocas da difusão do cristianismo, desde as origens, ou seja, a começar justamente pelos primeiros contatos com a cultura hebraica, com a helenista, com a latina e com as outras posteriores

— Deve-se, além disso, notar que a “fé” nunca se reduz simplesmente a uma “cultura”. “O Evangelho, por certo, não se identifica com as culturas e transcende-as todas”<sup>18</sup>. De aí a necessidade de individuar os valores transcendentes e permanentes do Evangelho, de assegurar o primado do mistério de Cristo ressuscitado frente as propostas de qualquer cultura. Isso tem em qualquer parte um valor definitivo, hoje, ontem e amanhã!

A identidade do Evangelho e o primado do Cristo no contato com cada cultura suscitam problemas novos que emergem do contexto cultural. Eles não são fáceis e requerem intensa e madura reflexão. É mister, em cada caso, enfrentá-los e resolvê-los à luz da fé comum da Igreja universal “idêntica para todos os povos de todos os tempos e de todos os lugares”<sup>19</sup>. “Neste processo, as próprias culturas devem ser elevadas, transformadas e imbuídas da original mensagem cristã de divina verdade (...) de acordo com a inteira verdade do Evangelho e de harmonia com o Magistério da Igreja”<sup>20</sup>.

— A preservação inalterada do conteúdo da fé católica une-se à *preocupação de conservar a unidade da Igreja no mundo*, passando através de um diálogo leal com a Igreja de Roma e com o Sucessor de Pedro. É esta “importante consequência da doutrina da colegialidade, em força da qual cada bispo participa na responsabilidade pelo resto da Igreja. Pela mesma razão a sua Igreja, na qual por direito divino ele exerce a jurisdição ordinária, é também objeto de uma comum responsabilidade episcopal na dúplici dimensão da encarnação do Evangelho na Igreja local: 1.º preservar inalterado o conteúdo da fé católica e conservar a unidade da Igreja no mundo; e 2.º extrair das culturas expressões originais de vida cristã, de celebrações e de pensamento, pelos quais o Evangelho se radica no coração dos povos e das suas culturas”<sup>21</sup>.

18. 3 de maio de 1980, aos bispos do Zaire

19. Cf. p. ex. os problemas sobre o matrimônio cristão e sobre o ministério sacerdotal nos discursos de 3 de maio à Família e de 4 de maio aos sacerdotes em Quinxassa

20. 9 de maio de 1980, aos bispos de Gana em Kumasi

21. 9 de maio de 1980, aos bispos de Gana em Kumasi

— É preciso, pois, lembrar que a inculturação é guiada por *grandes critérios de autenticidade que implicam também limites concretos*; eles excluem uma assunção indiscriminada de qualquer modalidade cultural e não permitem que a inculturação equivalha a um reducionismo de regionalização ou nacionalismo, ou seja, a um empobrecimento da universalidade da fé católica e da comunhão plena de todas as Igrejas com Roma e entre si.

— Enfim, a propósito de africanização da Igreja, é indispensável também constatar a situação histórica concreta de hoje, que exige uma passagem da época missionária de fundação (*"implantatio Ecclesiae"*), *para a hora das jovens Igrejas locais* empenhadas numa penetrante e íntima evangelização das próprias culturas. Passou-se da época "fundacional" das missões ao delicado trabalho de "evangelização íntima" por obra das Igrejas locais! Se é verdade que a fé católica não se identifica com nenhuma cultura, é também importante e urgente reconhecer que o "Reino que o Evangelho anuncia é vivido por homens profundamente ligados a uma cultura; a construção do Reino não pode deixar de haurir elementos das culturas humanas"<sup>22</sup>. E isso se faz justamente através da mediação das Igrejas locais.

22. 3 de maio de 1980, aos bispos do Zaire em Quinxassa

Essa última observação sobre a hora da Igreja local na África tem uma projeção concreta sobre os critérios de presença e ação dos missionários, hoje, e, em particular, sobre o nosso empenho pós-capitular de fazer-nos presentes na África, como carisma eclesial para a evangelização da juventude.

#### A nova presença do carisma de Dom Bosco

Quis lembrar alguns aspectos mais característicos do "encontro" do Papa com a África, porque eles fornecem bastante luz para o

nosso modo de ir ao continente negro, de lá estar e trabalhar. Fazemo-nos presentes com o fito de colaborar com aquelas jovens Igrejas, inserindo nelas, em forma vital e estável, o carisma de Dom Bosco. Carisma muito apropriado às necessidades daqueles povos. Pensei muitas vezes, em minha viagem, que a juventude africana, tão numerosa e necessitada, tem mesmo um urgente direito à vocação da Família Salesiana. Ouvi em Ruanda, durante a homilia de um bispo, que a África e Dom Bosco são feitos uma para o outro, e que a vocação salesiana deverá, no futuro, ser inseparável da pastoral juvenil africana.

Há no continente uma explosão demográfica de juventude vivaz, intuitiva e inteligente, dócil, feliz de viver, rica de sentimentos, inclinada à música e à arte, profundamente impregnada de religiosidade, ansiosa de formação, descuidada por falta de estruturas sociais adequadas (vi, com muita pena, preso num cárcere para menores, e parecia-me inacreditável, um menino de 6 anos!). A juventude está exposta a muitos desvios, à ociosidade, à ignorância, à miséria material e moral. Tem muito urgente necessidade de ajuda.

O carisma de Dom Bosco é feito justamente, como dizia antes, para colaborar com as Igrejas locais na evangelização da juventude, formando "honestos cidadãos e bons cristãos". Cem anos faz, a vocação salesiana rumava para a América Latina e lá se estabelecia de maneira vigorosa. Cinquenta anos depois, foi para a Ásia, onde se fixou frutuosamente em vários países. Volta-se agora para o continente negro e tenciona inserir-se nele humildemente, com fidelidade a Dom Bosco, para tornar-se vigorosa e genuinamente africana. Nosso projeto foi colocado sob a proteção especial e materna da Auxiliadora.

Será preciso que os irmãos que forem à África ou já lá trabalham se inspirem na missão

nologia renovada do Vaticano II, nas grandes orientações do Magistério e em particular do Papa nesta sua recente viagem pastoral e missionária.

Já iniciei a propósito, especialmente em Libreville, Kansébula e Butare, um diálogo com os jovens irmãos africanos e com os que há anos trabalham no continente. Queria lembrar aqui brevemente algumas linhas que se inspiram nos critérios conciliares e papais e aplicam suas orientações, em forma analogicamente apropriada, ao carisma da nossa Família.

— *Acima de tudo trabalhamos por um "Dom Bosco africano"*, ou seja, por uma presença vital e estável do nosso carisma no continente. Para que Dom Bosco seja genuína e integralmente ele próprio verdadeira e constitutivamente os traços e a fisionomia cultural da África. Nós não somos "missionários temporários" que passam por uma região para aí fundar a Igreja e depois ir embora. Teremos feito também esse trabalho difícil e fundamental, onde era preciso, mas fizemo-lo com a intenção de ficar para sempre, encarnando dinamicamente na Igreja local a vocação salesiana.

— Propomo-nos, na África, *cuidar com especial solicitude da índole própria do nosso carisma.*<sup>23</sup> Essa índole pertence ao âmbito dos dons que vêm do Alto e que, portanto, não se identificam na sua essência com cultura alguma, mas são concedidos pelo Espírito à Igreja universal, precisamente para que em momento oportuno sejam inculturados nos vários povos em benefício das Igrejas locais.

Nossa breve história de cem anos nos fala da adaptabilidade flexível da nossa vocação a diferentes culturas, bastante diversas da cultura em que nasceu e viveu Dom Bosco.

— A "índole própria", porém, não é uma teoria ou uma abstração, mas sim "uma expe-

23. Cf. *Mutuae Relationes* 11

riência do Espírito Santo”, que “exige outrossim um estilo particular de santificação e apostolado;”<sup>24</sup> ela é vivida e transmitida vitalmente por pessoas que a realizam cotidianamente na fraternidade das comunidades salesianas. Contamos, pois, na base de tudo, com o *testemunho de comunidades* que vivam genuinamente os dois grandes Projetos sintéticos de Dom Bosco, ou seja, as “Constituições” e o “Sistema Preventivo”, aprofundados ambos e atualizados nos últimos dois Capítulos Gerais (o Capítulo Geral Especial e o Capítulo Geral 21).

24. ib

Na África, como na Europa, na América Latina, na Ásia e em toda a parte, é necessário garantir todos os grandes valores da “índole própria” com o seu “estilo particular de santificação e apostolado”, enquanto se trabalha com criatividade e inteligência na inculturação da nossa vocação.

Para isso haverá necessidade do confronto fraterno com todas as Inspetorias nos Capítulos Gerais, e da comunhão profunda e dialogante com o Reitor-Mor e o Conselho Superior, que desempenham justamente o ministério da unidade.

— O testemunho de comunidades salesianas que reproduzam genuinamente a experiência do carisma de Dom Bosco exige de um lado, que os *missionários levem ar puro* e tenham a têmpera dos primeiros grandes exportadores do carisma (Cagliero, Fagnano, Costamagna, Lasagna, Cimatti, Braga, Mathias, etc.), mormente no que se refere à tradição viva da nossa vocação. Requer, por outra parte, que no delicado trabalho de *formação das jovens gerações africanas* a assunção dos valores culturais locais esteja harmonicamente unida às exigências qualitativas próprias da seqüela de Cristo, da consagração religiosa, do espírito salesiano e da nossa missão juvenil e popular.

— Na base do salesiano de qualquer cultura está a santidade, com suas exigências reais, com sua audácia e humildade. *Dom Bosco africano, asiático ou europeu que seja, não é ele mesmo se não é um santo.* E se é verdade que a apresentação dos valores evangélicos de santidade sem conexão cultural seria uma espécie de “colonialismo angélico”, é igualmente verdade que a promoção dos valores culturais sem uma adequada impregnação dos valores da “índole própria” levaria à adulteração da vocação e à desagregação da nossa Família espiritual.

— Não tendo ainda, até hoje, experiências comprovadas no campo da africanização do Carisma de Dom Bosco, *será necessário um grande e prolongado trabalho de pesquisa, estudo, diálogo, confronto, verificação, numa atitude ininterrupta de confiante oração.*

Os responsáveis pelos irmãos que trabalham hoje e irão nos próximos anos trabalhar entre os povos do continente negro deverão ter iniciativas e saber mover-se mais para lá das atuais e indispensáveis estruturas inspetoriais, a fim de promover qualificados encontros inter-africanos de reflexão e comunicação de experiências, em união com o Reitor-Mor e o seu Conselho, e assim chegar juntos a critérios homogêneos e apropriados de crescimento salesiano. Durante minha recente viagem, pude participar, com o P. Vanseveren e o Sr. Romaldi, de uma demonstração desse estilo de procura, que considero positivo e promissor.

#### **O nosso Fundador viu-nos na África**

De volta a Roma, procurei saber o que nosso querido Pai havia de desejar e sonhar acerca da presença salesiana nesse continente.

É interessante e estimulante conhecer alguns dados.

Em 1886, já no fim da vida, Dom Bosco presidia uma reunião do Conselho Superior, dois dias após a festa de Maria Auxiliadora. Estava presente o procurador, P. Francisco Dalmazzo, portador de uma proposta de fundação salesiana no Cairo. Ouvida a exposição do procurador, Dom Bosco disse: "Estou inclinado a aceitar, e, assim que puder, mandarei ao Cairo alguns salesianos. (...) Entretanto, digo-vos francamente que essa missão é um plano meu, é um dos meus sonhos. Se eu fosse jovem, tomaria comigo o P. Rua e lhe diria: Vem, vamos ao Cabo da Boa Esperança, Nigricia, Kartum, Congo. Ou melhor, a Suakin (no Sudão) como sugere Dom Sogaro, porque há lá bom clima. Por esse motivo podia-se colocar um noviciado na região do Mar Vermelho."<sup>25</sup>

Dom Sogaro, Vigário Apostólico da África central, havia sido hóspede do Oratório de 14 a 15 de novembro do ano anterior, 1885,<sup>26</sup> e estava preocupado em encontrar um jeito de garantir uma verdadeira permanência dos missionários nos países aonde iam. Dom Bosco indicava-lhe o método religioso do voto de obediência e a vontade de encarnação do seu Instituto no lugar. Com efeito, vemo-lo pensar logo, antes mesmo de ter um projeto definitivo para lá ir, na ereção de um noviciado local.

Queria que os salesianos fossem à África para ficar e para crescer africanamente, mesmo que no lugar houvesse já outros missionários.

Exprimia essa idéia também ao P. Cerruti durante uma viagem a Alassio, em março desse mesmo ano, 1886. "Na ida, por boa meia hora, não havia tocado em outro assunto que não missionários e missões, especificando os lugares da América, África e Ásia onde os seus, com o passar do tempo, haveriam de ir e permanecer.

25. Memorie Biografiche 18, 142

26. Cf. Memorie Biografiche 17, 508

27. Memorie Biografiche 18, 49

28. Lemoyne-Amadei, "Vita di S. G. Bosco", 2.º vol. pp. 612-613, Torino SEI 1953

29. Memorie Biografiche 18, 820

30. Memorie Biografiche 7, 825; 9, 711

31. Memorie Biografiche 9, 471, 734, 770, 940; 16, 252; 17, 472

32. Cf. p. ex. Memorie Biografiche 3, 568

33. Memorie Biografiche 11, 408

"Direis, observava, que já lá estão outras congregações. É bem verdade. Mas, lembrai-vos bem, nós vamos ajudá-las, não roubar-lhes o lugar! Geralmente elas se ocupam preferentemente dos adultos, ao passo que nós nos devemos ocupar de modo especial da juventude, maxime da juventude pobre e abandonada.<sup>27</sup> Diz-nos o seu biógrafo que com muita frequência surpreendiam-no a olhar, no mapa da África, a Angola, Benguela e o Congo. Falava muitas vezes da Angola, e dizia que essa missão devia ser aceita, caso fosse oferecida.<sup>28</sup>

Temos ainda conhecimento dos vários e importantes contatos do nosso querido Pai e da sua amizade com os grandes missionários da África no século passado, como o célebre conterrâneo, o extraordinário frade capuchinho Card. Guilherme Massaia, que da África Oriental escrevia aos superiores de Turim, por ocasião da morte de Dom Bosco: "Oh! houvesse tido um homem assim como companheiro na missão!";<sup>29</sup> como o incansável Dom Daniel Comboni, fundador dos Filhos do Sagrado Coração e das Pias Madres da Nigricia,<sup>30</sup> propugnador convicto da hora da salvação da Nigricia qual obra co-responsável de toda a Igreja; como o corajoso Card. Carlos Marcial Lavigerie, fundador dos Padres Brancos e de outros Institutos missionários, apóstolo do Nordeste da África e propulsor da luta contra a escravização:<sup>31</sup> e outros.<sup>32</sup>

Já então havia-se espalhado pelo mundo a fama do coração missionário de Dom Bosco: "Aconteceu destarte — diz-nos seu biógrafo — que também de países distantes se olhasse para o Oratório como para um viveiro de missionários.<sup>33</sup>

Muito nos alegramos com essa constatação do P. Ceria, porque nos parece haver voltado hoje na Casa Geral, após o mandato capitular, ao clima das origens. Com efeito, chegam con-

tínuos pedidos de muitos países, através de cartas ou de visitas pessoais, como se tivéssemos uma mina inexaurível de missionários.

A crise atual, porém, coloca-nos diante de grandes dificuldades!

Também a Dom Bosco apresentavam-se graves objeções. A mais séria frisava que “era preciso consolidar também a Congregação.”<sup>34</sup>

Sabemos que nem por isso se deteve o nosso santo Fundador. A magnanimidade de projeção e a coragem das suas iniciativas estavam também ligadas a certos sonhos famosos, cujas representações, no dizer de Walter Nigg em pequeno e interessante capítulo a respeito, “eram uma mensagem proveniente da vida interior do homem e ao mesmo tempo uma modalidade de relação com Deus (...). Existia (para Dom Bosco) uma *realidade de sonho*, sobre a qual não alimentava dúvidas.”<sup>35</sup> Essa “realidade de sonho” infundia nele uma sintonia de segurança com os planos de Deus.

Conhecemos dois sonhos de Dom Bosco sobre a África: um de julho de 1885 e outro de abril de 1886.

No primeiro se fala de longa e curiosa viagem, feita em companhia de Luís Colle: “o nosso amigo Luís — escrevia ao pai o próprio Dom Bosco — levou-me a uma excursão ao centro da África”.

Encontrara-se “diante de uma montanha muito alta” e durante toda a viagem “parecia-lhe ser elevado a enorme altura, como por sobre as nuvens, circundado de um espaço imenso”; em dado momento pôde reconhecer a sua posição: “Pareceu-me então estar no centro da África (... e de ver) o Anjo de Cam, que dizia: *Cessabit maledictum* e a bênção do Senhor descerá(...).”<sup>36</sup>

34. *Memorie Biografiche* 11, 409

35. Walter Nigg: “Don Bosco un Santo per il nostro tempo” LDC, 1980, pp. 78-79

36. *Memorie Biografiche* 17, 643-645

Eis, proclamada neste primeiro sonho, a atitude missionária de esperança e crescimento que Dom Bosco nutria no seu coração.

O outro é o famoso sonho de Barcelona. Nele, após haver lembrado o sonho dos nove anos, a pastorinha faz-lhe ver o desenvolvimento da Congregação: Valparaíso, Santiago, Pequim. Depois diz: "Agora traça uma linha de uma extremidade à outra, de Pequim a Santiago, faz um centro no meio da África e terá uma idéia exata de quanto devem fazer os salesianos.

— Mas como fazer tudo isso? (...)

— Fá-lo-ão os teus filhos, os filhos dos teus filhos e dos filhos deles. (...) Vês lá cinqüenta missionários preparados? Mais adiante vês outros e outros ainda? Traça uma linha de Santiago ao centro da África. Que é que vês?

— Vejo dez centros.

— Pois bem, os centros que vês terão *casa de estudo e noviciado, e darão uma multidão de missionários* (...). E agora vira-te para este outro lado. Vês aí dez outros centros, do meio da África até Pequim (...), mais adiante Madagáscar. Estes e mais outros terão casas, colégios e noviciados.<sup>37</sup>

37 *Memorie Biografiche* 18, 71 ss

Não há dúvida, pois, que Dom Bosco quis intensamente e com extraordinária esperança que os seus filhos estivessem generosamente presentes na África para aí crescerem como uma das realidades dinâmicas da Igreja no continente, "com casas, colégios e noviciados".

#### Estimulante apelo a toda a Família Salesiana

Deixai-me agora repetir o que dizia no começo: *O Projeto-África é, para nós, uma graça de Deus!*

Para corroborar esta asserção, ofereço-vos alguns pontos autorizados que interpelam nossa fé, nossa esperança e nossa caridade.

O Concílio proclamou que "não pode crescer nas comunidades a graça da renovação, e se não dilatar cada uma os espaços da caridade até os confins da terra, cuidando igualmente dos de longe como dos membros próprios."<sup>38</sup>

Paulo VI, na mensagem para o dia das missões de outubro de 1972, lançada no dia de Pentecostes, confirmou-o, dizendo: "A *asfixia espiritual*, na qual hoje tristemente se debatem dentro da Igreja católica tantos indivíduos e instituições, não terá talvez origem na *prolongada ausência de um autêntico espírito missionário*?"<sup>39</sup>

E o nosso Capítulo Geral Especial, na mesma linha, assegura-nos que "o renovado impulso missionário será um termômetro da vitalidade da Congregação e um antibiótico contra o vírus do aburguesamento. Urge despertar a consciência missionária de todos os salesianos, repensar a metodologia atual, empenhar a fundo a Congregação a fim de que, a exemplo de Dom Bosco, venha a multiplicar-se o número dos evangelizadores."<sup>40</sup> E precisamente para atingir esse objetivo "o Capítulo Geral Especial lança um apelo *a todas as Inspetorias*, mesmo as mais pobres de pessoal, para que, em obediência ao convite do Concílio<sup>41</sup> e consoante o ousado exemplo de nosso Fundador, contribuam com o pessoal próprio, definitiva ou temporariamente, para o anúncio do Reino de Deus".<sup>42</sup>

A audácia missionária do nosso Pai e Fundador está bem sintetizada nas seguintes linhas capitulares: "Dom Bosco quis sua Sociedade Salesiana francamente missionária. Em 1875 foi ele quem escolheu no grupo dos primeiros salesianos os dez para enviar à América.

38. Ad Gentes 37

39. Acta Apostolicae Sedis, LXIV, 1972, p. 449

40. Capítulo Geral Especial 463

41. Ad Gentes 40

42. Capítulo Geral Especial 477

Antes de morrer já tinha ele feito dez expedições missionárias. Paralelamente, também as Filhas de Maria Auxiliadora demandavam às Missões, onde desde então vêm trabalhando ombro a ombro com os missionários salesianos. Na morte de Dom Bosco, em 1888, os salesianos de além-mar eram 153, ou seja, quase 20% dos sócios de então.<sup>43</sup>

43. Capítulo Geral Especial 471

Pois bem, queridos irmãos, devemos constatar e convencer-nos que o Espírito Santo preparou e impulsiona hoje na África vasto movimento de evangelização daqueles povos. Por isso assumimos com alegria e esperança o mandato capitular para o continente africano. Não obstante as graves dificuldades da crise que atravessamos, pressentimos, nele, a aurora de uma renovação concreta da nossa dinâmica vocacional.

Que faria hoje Dom Bosco em hora tão propícia?

Havia por certo de estimular e entusiasmar toda a nossa Família: Salesianos, Filhas de Maria Auxiliadora, Voluntárias, Cooperadores, Ex-alunos e todos os vários grupos que nele se inspiram, a ouvir o apelo africano e de alguma maneira participar nele. De maneira especial havia de interessar, como fazia com o Boletim e outras iniciativas, os Cooperadores, os Ex-alunos e os Amigos da Obra Salesiana a fim de manter e executar tão importante projeto, e oportunamente contribuir para a africanização do seu carisma.

Vós todos, queridos irmãos, mas especialmente os Inspetores e os Delegados inspetoriais, deveis saber animar com inteligência e constância os vários grupos da Família Salesiana nesta nova arrancada missionária.

O corajoso Projeto-África não foi formulado por cálculo organizativo ou ingenuidade sentimental, mas prende-se à visita do Espírito

do Senhor que nos foi feita no Capítulo Geral, ou seja, é fruto da perene juventude e da audaz magnanimidade que Deus de tempos em tempos comunica à sua Igreja através do ardor do seu amor criativo.

Sejamos, pois, destemidos no Espírito de Cristo!

E permiti-me fazer-vos ouvir ainda uma vez a palavra do Santo Padre João Paulo II, dirigida agora aos próprios missionários e missionárias. No cemitério de Makiso, em Kisangani, no Zaire, o Papa formulou comovente oração sobre a tumba dos missionários falecidos: "Bendito sejais, Senhor, pelo testemunho dos vossos missionários! Fostes vós que lhes inspirastes o coração de apóstolos para deixarem para sempre a sua terra, a sua família e a sua pátria, e virem a este país, que até então desconheciam, para proporem o Evangelho aos que eles consideravam já como irmãos. Bendito sejais, Senhor, (...) por lhes haverdes dado resistência e paciência nas fadigas, nas dificuldades, nas penas e nos sofrimentos de toda a espécie".<sup>44</sup>

44. 6 de maio de 1980

Mais tarde, na visita à missão de São Gabriel, sempre em Kisangani no Zaire, o Papa dirigiu sua palavra de admiração e encorajamento a todos os missionários da África: "Aos meus olhos, o posto de missão evoca primeiramente a modéstia dos inícios: muitíssimas vezes, modéstia dos efetivos missionários, modéstia das comunidades cristãs, modéstia dos meios pedagógicos e materiais. (...) Sim, queridos amigos, a fé e a caridade que habitam em vossas pessoas, eis o que primeiro constitui a vossa originalidade, a vossa riqueza e o vosso dinamismo. (...) Vós não vos contentais com passar. Ficais no meio daqueles cuja vida adotastes. Ficais pacientemente, mesmo se durante muito tempo precisais semear o Evangelho sem chegar a assistir à germinação e ao flores-

cimento. A lâmpada da vossa fé e da vossa caridade parece então arder sem nenhum proveito. Mas nada é perdido do que é assim dado. Há misteriosa solidariedade que une todos os apóstolos. Vós preparais o terreno onde outros colherão. Permanecei servidores fiéis! (...) A Igreja reencontra-se a si mesma junto de vós, missionários, (...) porque ela própria deve ser, toda ela e a todo o momento, 'missionária'. Assim se propaga ao longe e em profundidade a ação do 'sal' e do 'fermento' de que fala o Evangelho.<sup>45</sup>

45. 6 de maio de 1980, aos missionários de S. Gabriel, em Kisangani

Quis reproduzir essas palavras do Papa para que as leiam e meditem sobretudo os generosos que ouviram e haverão de ouvir o convite missionário do Senhor.

### E concluo

Queridos irmãos, se além do Projeto-África pensarmos também nas outras muitas missões que temos na América Latina, na Ásia e, agora (graças às Inspetorias das Filipinas, da Índia e da Austrália) também na Oceânia, e se considerarmos a penúria de pessoal em muitas delas e também nas muitas Inspetorias antes florescentes, e a conseqüente angústia e o pedido de homens e de meios feitos pelos Inspetores e pelos Prelados responsáveis, devemos concluir que surgem graves dificuldades no nosso compromisso africano.

É verdade. Mas antes de diminuir o empenho é preciso aumentar a generosidade! O futuro da Congregação não está na indiferença para com certos aspectos vocacionais de fundo, como é a nossa dimensão corajosamente missionária, mas no incremento de uma "mística" que se deve ligar a projetos concretos.

Já aludi às objeções que se faziam também a Dom Bosco em vista de uma indispensável

consolidação da Congregação, que parecia ameaçada pelo grande impulso missionário. Pois bem, em dezembro de 1875, o próprio Dom Bosco, numa reunião do Conselho Superior, expôs assim a sua idéia: "Com respeito à Congregação, eu vejo, embora se ande repetindo ser necessário consolidarmo-nos, que, se se trabalha muito, as coisas andam melhor. A consolidação pode tornar-se mais lenta, mas será talvez mais duradoura. E nós o vemos mesmo de olhos fechados: enquanto houver esse grande movimento, esse grande trabalho, vai-se para a frente a velas pandas e nos membros da Congregação há mesmo uma grande vontade de trabalhar".

Por isso, ouvindo às vezes propostas importantes e de atuação difícil, exclamava:

— Bem!... Só falta uma coisa.

— Qual?

— Tempo! A vida é muito breve. É preciso fazer apressadamente o pouco que se pode, antes que a morte nos surpreenda".

Eis aí por que, não obstante a penúria de pessoal, sonhava sempre novos empreendimentos apostólicos e em vasta escala.

O P. Berto observava-o com o olhar fixo atentamente em mapas, a estudar as terras a serem coquistadas para o Evangelho. Ouviram-no exclamar:

"Que belo dia será aquele em que os missionários salesianos, subindo pelo Congo de estação em estação, se encontrarem com seus irmãos vindos pelo Nilo, e se apertarem as mãos, louvando o Senhor.<sup>46</sup>

Assim responde Dom Bosco a certas dificuldades! Peçamos insistentemente ao Senhor sejamos dignos continuadores do ardor missionário do nosso Pai e Fundador. Pratiquemos os

46. Memorie Biografiche 11, 409

47. Memorie Biografiche 11, 389-390

seus "conselhos aos nossos primeiros missionários".<sup>47</sup> E como temos necessidade de "milagres", para ser-lhe fiéis na magnanimidade das iniciativas apoiemo-nos sempre nas duas grandes colunas indicadas por ele para o nosso crescimento: Jesus e Maria, os dois ressuscitados! Promovamos com mais entusiasmo e seriedade, na nossa vida, a centralidade da Eucaristia e a devoção a Nossa Senhora, Mãe da Igreja e Auxiliadora dos cristãos. E também nós temos de ver milagres!

Saúdo com especial afeto e agradeço com profundo reconhecimento aos irmãos missionários de ontem, de hoje e de amanhã. Digo aos Inspetores que os que partem para as missões não são uma perda de pessoal para a Comunidade inspetorial de origem, mas verdadeira semente de mais numerosas vocações. E lembro a todos que a dimensão missionária é parte viva e irrenunciável daquele "coração oratoriano" que palpita em todo bom salesiano.

Recomendo ainda uma vez o caríssimo P. Dho aos vossos fraternos sufrágios. Rezaremos por ele, lembrando que podemos também rezar junto com ele e pedir-lhe eficaz intercessão para o nosso compromisso africano.

A messe é grande. Que o Espírito Santo suscite numerosos operários em toda a nossa Família!

Cordialmente,

P. EGÍDIO VIGANÓ

## 2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES

---

P. Juvenal DHO († 17.5.1980)

Conselheiro para a Formação do Pessoal Salesiano

### Os sinais educativos da presença de Deus

O pranteado Conselheiro para a Formação, P. Juvenal Dho, havia apresentado uma contribuição para este número dos Atos do Conselho Superior.

Trata da correção em nossas celebrações litúrgicas, e de uma melhor compreensão da veste litúrgica.

A colaboração foi escrita antes da publicação da Instrução "*Inaestimabile Donum*" sobre algumas normas respeitantes ao culto do Mistério Eucarístico, preparada pela Sagrada Congregação para os Sacramentos e o Culto Divino, e aprovada pelo Santo Padre João Paulo II.

Que a publicação póstuma do artigo do P. Dho sirva de estímulo para melhor cuidarmos de nossas assembléias litúrgicas, sobretudo da celebração eucarística, e para considerar com atenção e praticar o que está estabelecido na recente instrução "*Inaestimabile Donum*".

\* \* \*

Lê-se numa declaração do Card. Marty (17.4.1978): "No que diz respeito aos sacramentos encontramos-nos num tempo de procura, de adaptação. Mas procurar não quer dizer contentar-nos com aproximações, sobretudo neste campo. Adaptar não significa ceder à facilidade. Para salvar os nossos progressos feitos no sentido de maior simplicidade na liturgia, devemos evitar o que poderia parecer negligência... devemos evitar que tudo se torne evanescente... As experiências promovidas pela Igreja é que abrem um futuro. E a Igreja sabe que o progresso pode ser detido tanto por um tradicionalismo estreito, como por inovações incoerentes" (Cf. *La documentation Catholique*, 2.5.1978; n. 1739, pp. 338-339).

O que dos sacramentos em geral escrevia o Card. Marty, deve dizer-se de modo particular da Eucaristia.

Paulo VI, a 17.4.1977, dizia aos bispos franceses: "A Eucaristia é essencialmente a reiteração do sacrifício redentor de Cristo. É uma realidade da qual nenhum ministro, nenhum leigo é proprietário. É um *mistério sagrado* que requer uma atmosfera de gravidade e dignidade, e não tolera a mediocridade e o descuido do lugar, das vestes, dos objetos de culto. Simplicidade, sim, negligência nunca".

Por ocasião da Quinta-Feira Santa deste ano, 1980, teremos certamente lido a "Carta de João Paulo II sobre o mistério e o culto da SS. Eucaristia". Nela o Papa volta a falar sobre o caráter de "sacralidade", isto é, de "*ação santa e sagrada*" da Eucaristia (n. 8). Sacralidade, que não é "sacralização", ou seja, "um acréscimo do homem à ação de Cristo no Cenáculo, uma vez que a ceia da Quinta-Feira Santa foi um rito sagrado". "O '*sacrum*' da Missa é uma sacralidade instituída por Ele (Cristo)" (ib).

O sacerdote-celebrante "ao perfazer o santo Sacrifício e ao agir "*in persona Christi*" é, de maneira sacramental e ao mesmo tempo inefável, introduzido e inserido nesse estritíssimo '*sacrum*', ao qual ele, por sua vez, associa espiritualmente todos os participantes na assembléia eucarística" (ib).

Por isso o ministro, o celebrante é subordinado ao "*Mysterium*". E essa subordinação, escreve o Papa, "deve ter a sua expressão também na observância das exigências litúrgicas relativas à celebração do santo Sacrifício. Essas exigências dizem respeito, por exemplo, ao vestuário e, em particular, aos paramentos que o celebrante reveste... Em condições normais o transcurar as prescrições litúrgicas pode ser interpretado como falta de respeito para com a Eucaristia, ditada talvez pelo individualismo ou por uma carência de sentido crítico quanto às opiniões correntes, ou ainda por certa falta de espírito de fé" (n. 12).

Na celebração da Eucaristia (e em geral dos sacramentos) não se pode admitir "nenhuma imitação profana que com muita facilidade (se não mesmo de regra) se havia de tornar uma profanação" (ib).

Eis, pois, um motivo fundamental pelo qual a Igreja que “tem o dever particular de garantir e corroborar o ‘sacrum’ da Eucaristia” (*ib*), deve emanar normas a respeito. E assim a S. Congregação para o Culto lembrou que “é absolutamente proibido usar apenas a estola sobre a veste civil, para celebrar a S. Missa, e fazer outras funções sagradas” (*Liturgicae instaurationes*, III, 5.9.1970). E nos “Princípios e normas para o uso do Missal Romano”, no n. 161, lemos: “Os concelebrantes colocam as “vestes sagradas que usam habitualmente na celebração individual”, podendo contentar-se com a alva e a estola “por motivo razoável”.

A Instrução “*Immensae charitatis*” da S. Congregação para a disciplina dos Sacramentos (de 29.1.1973) estabelece que em circunstâncias particulares, aí enumeradas, os fiéis que receberam nesse dia a Comunhão, e os sacerdotes que já celebraram a Missa, e participarem de alguma celebração comunitária, podem fazer uma segunda vez a S. Comunhão. Mas é claramente diverso, para um sacerdote, simplesmente participar da Eucaristia, e celebrá-la. Essa distinção reflete-se também na veste exigida.

Outros motivos exigem o uso do hábito, e especialmente dos paramentos prescritos pelas normas da Igreja. Lembro dois.

“A fé também tem olhos”, dizia S. Agostinho. Na vida da Igreja sentiu-se sempre a *necessidade de ‘sinais’*: e o documento de Puebla (janeiro de 1979) entre as conclusões sobre a Liturgia põe a de “revalorizar a força dos ‘sinais’ e a sua teologia” (Cf. n. 940). A comunidade eclesial vai concretizando estes sinais nas diversas etapas da vida da Igreja. Se eles em nome da ‘espontaneidade’ fossem objeto de uma contínua improvisação, já não colocariam as nossas comunidades em comunicação com a vida da Igreja.

Um terceiro motivo pode ser este. Quanto à evolução do estilo das celebrações eucarísticas, notou-se que são hoje menos hieráticas, menos centralizadas apenas no presidente e mais comunitárias. Hoje as nossas Eucaristias simbolizam melhor o ‘Corpo de Cristo’ que é a Igreja no ato de celebrar. Isso leva a uma consequência: as nossas celebrações eucarísticas requerem normalmente a presença de ‘ministros’ mais numerosos e mais diversificados (H. Denis). Essa *diversificação de ministérios* exprime-se também pela veste litúrgica.

No n. 297 dos "Princípios e normas para o uso do Missal Romano" lê-se: "Na Igreja, Corpo místico de Cristo, nem todos os membros desempenham a mesma função. A diversidade de ministérios na realização do culto sagrado, manifesta-se exteriormente na diversidade das vestes sacras, que por isso devem ser sinal do ofício próprio de cada ministro. Convém, todavia, que tais vestes contribuam também para o decoro da ação sagrada".

Nesta nossa breve reflexão ajuda-nos também o exemplo de Dom Bosco. Dele se lê que "era escrupuloso na execução de todas as ordens emanadas pelo Superior eclesiástico no atinente às coisa do culto" (MB IV 450).

A atenção de Dom Bosco aos 'sinais' com que se exprime a nossa relação com Deus na Liturgia fundava-se no amor a uma Igreja que é carismática e visível ao mesmo tempo (Cf. LG, 8).

Fundava-se também sobre o seu profundo espírito de fé. Dele testemunham os contemporâneos: "Quem estivesse perto dele (na igreja) não podia, por sua vez, deixar de empenhar-se em rezar bem. Sobre seu semblante reverberava a fé e a caridade ante a presença do Divino Salvador" (MB IV 451).

Como filhos de Dom Bosco, devemos ser particularmente sensíveis e contribuir para tudo o que pode constituir um sinal educativo da presença de Deus.

### 3. DISPOSIÇÕES E NORMAS

---

#### **Profissão religiosa e sagrada ordenação: sobre o envio dos certificados e respectivas atas de admissão**

A fim de evitar atrasos ou esquecimentos na entrega à Secretaria Geral, dos documentos referentes às profissões religiosas e às sagradas ordenações, fica estabelecido o seguinte:

- Tanto os *certificados* da profissão religiosa emitida (profissão simples e profissão perpétua) bem como as *comunicações* da ordenação (para ao diaconato e o presbiterato) devem ser enviados *junto* com as respectivas *atas* de admissão às supramencionadas profissões ou ordenações.
- Devidamente reunida, essa documentação será encaminhada *imediatamente* à Secretaria Geral.

*Observação* — Os certificados das profissões intermediárias e as comunicações dos ministérios eclesiásticos conferidos devem ser remetidos à Secretaria Geral com a mesma urgência (embora não precisem ser acompanhados das respectivas atas de admissão).

## 4. ATIVIDADES DO CONSELHO SUPERIOR

---

### 4.1 Da crônica do Reitor-Mor

Atendendo a um convite do bispo de Verona, aos 16 de março de 1980 o Reitor-Mor foi àquela cidade onde fez uma preleção-diálogo aos sacerdotes da diocese sobre o documento "*Mutuae relationes*". Aproveitou a oportunidade também para encontros com os nossos Diretores.

Turim contou com a presença dele durante os dias 11, 12 e 13 de abril, por ocasião da visita do Papa. Num salão-teatro da cidade proferiu uma conferência de preparação para os membros da comunidade eclesial da arquidiocese e em seguida acompanhou João Paulo II, especialmente nas inesquecíveis horas que o Sumo Pontífice dedicou às religiosas e à juventude reunidas em Valdocco.

Logo após, aos 15 de abril, viajou à Polônia, onde permaneceu até o dia 22, em companhia dos padres Dho, Vecchi, Vanseveren e Dziedziel, para o encontro com os Inspetores e os conselhos inspetoriais de todo o Leste europeu. Foi uma reunião de grande êxito e rica de esperanças.

O continente negro usufruiu de novo a presença do Reitor-Mor no período de 29 de abril a 20 de maio, quando foi acompanhado pelo P. Vanseveren e pelo Sr. Romaldi.

Iniciou a sua visita em Libreville, no Gabão, com reuniões a que estiveram presentes os Irmãos das Inspetorias de Paris e de Madri que trabalham no Gabão, nos Camarões, Congo e Guiné equatorial, e em seguida se dirigiu ao Zaire, Ruanda,

Teve numerosos encontros com os bispos e com representantes papais; visitou a maioria das obras que ali se realizam, inclusive os centros de missão longínquos e de não fácil acesso; manteve contatos com Irmãos, com as Filhas de Maria Auxiliadora e a Família Salesiana; tiveram características especiais as reuniões de Ex-alunos.

Por causa do seu singular significado, lembramos a visita a Kan-sébula (Lubumbashi), que acolhe os jovens estudantes de teologia, e ao noviciado e pós-noviciado de Butare, em Ruanda.

Imediatamente após o seu regresso a Roma, P. Viganó tornou a viajar, desta vez à Sicília, para o encerramento do primeiro centenário de presença salesiana, e de lá se dirigiu à Calábria.

De 28 a 31 de maio esteve em Vila Cavalletti (Frascati) onde os Superiores Gerais realizavam a assembleia anual sobre o tema da família cristã, proposto pelo Sínodo.

Depois disso afastou-se por breve período de tempo de Roma a fim de participar em Turim — nos dias 7 e 8 de junho — das solenidades comemorativas do cinquentenário do Instituto Rebaudengo, do qual é ex-aluno.

### 4.2 Atividades dos Conselheiros

#### O Conselheiro para a Formação do Pessoal Salesiano

Durante este período (novembro de 1979 — maio de 1980) o Conselheiro

Dho, e o Dicastério tiveram como principais preocupações: o Curso de Formação Permanente para formadores, nas dependências do *Salesianum*, e a reelaboração da *Ratio institutionis-studiorum*, com base nas observações fornecidas pelo Reitor-Mor e pelo Conselho Superior.

— Ao curso para formadores (que se estendeu de 21.10.1979 a 15.2.1980) dedicou-se um cuidado todo especial tanto na preparação como na realização; alcançaram-se resultados satisfatórios.

— A nova redação da *Ratio* ocupou seriamente toda a equipe do Dicastério até meados de abril, quando se providenciou a impressão dos exemplares a serem encaminhados à Consultoria internacional, nomeada pelo Reitor-Mor.

De 15 de novembro a 28 de março os membros do Dicastério revizaram-se numa conferência mensal sobre a formação salesiana aos sacerdotes-estudantes da Casa de São Tarcísio, de Roma.

De 12 a 28 de março o Conselheiro para a Formação dedicou-se completamente à visita canônica extraordinária à Universidade Pontifícia Salesiana (= UPS) — Obra PAS.

No período de 14 a 23 de abril acompanhou o Reitor-Mor e outros membros do Conselho Superior a Varsóvia para o encontro com os Conselhos inspetoriais das Inspetorias da Polónia e Iugoslávia. Ao mesmo tempo cumpriu outros programas, como a reunião com os formadores das Inspetorias polonesas, aos 16 de abril. Nesta reunião foi ventilado o empenho formativo: unidade e conteúdos; objetivos e exigências concretas de cada fase de formação; necessidade urgente da formação permanente. Estabele-

ceram-se também contatos com várias casas de formação.

No dia 29 de abril o Sr. Renato Romaldi partiu para uma longa viagem à África, a fim de acompanhar o Reitor-Mor.

A 5 de maio iniciou-se o trabalho da Consultoria internacional que deverá estudar a *Ratio Institutionis* para a redação que será apresentada ao Conselho Superior na próxima reunião "plenária" de julho.

No período de 10 a 13 de maio P. Juvenal Dho participou do *Cura-torium* do estudentado de Benediktbeuern, na Alemanha.

Quando voltou a Roma, foi inesperadamente chamado pelo Senhor para receber o galardão celeste a 17 de maio, enquanto o Corpo consultivo internacional por ele presidido aplicava-se com afincos nos trabalhos da *Ratio Institutionis*.

## O Conselheiro para a Pastoral Juvenil

1. No dia 8 de março, P. João Edmundo Vecchi, Conselheiro para a Formação Juvenil, partia para uma visita à Região Atlântica da América Latina.

a) *No Brasil* — Com a Consultoria de Pastoral Juvenil das Inspetorias do Brasil tratou do tema dos Grupos e Movimentos Juvenis, com base nas experiências em curso, na reflexão dos participantes e no dossiê preparado pelo Dicastério.

Dessa abordagem resultou uma plataforma de entendimento e de trabalho adequado para a realidade cultural e eclesial do Brasil.

Com os diretores dos aspirantados, os animadores da pastoral vocacional e os coordenadores inspe-

toriais da pastoral juvenil abordou em profundidade o tema da orientação vocacional nos projetos educativos. De modo particular foram estudados alguns pontos problemáticos referentes aos aspirantados.

Em Porto Alegre passou um dia com os Diretores da Inspeção que se haviam reunido para refletir sobre o Projeto Educativo, a animação dentro da Inspeção e outros temas afins.

b) *Na Argentina* — Com os párocos das sete Inspetorias do Prata participou de uma semana de estudo sobre "Paróquia Salesiana". Achavam-se presentes também os Inspetores e os encarregados da Pastoral Juvenil.

Junto com a Consultoria pastoral das sete Inspetorias aprofundou o aspecto mariano da nossa pastoral, em relação também com os importantes acontecimentos da Igreja naquela região.

Em seguida teve um encontro com os diretores de aspirantados e animadores de pastoral juvenil e vocacional a fim de estudar problemas de natureza inerente a este setor.

Seguiram-se duas jornadas abertas sobre aspectos do Sistema Preventivo e o Projeto Educativo, hoje, para salesianos, Filhas de Maria Auxiliadora e colaboradores.

2. De 15 a 24 de abril P. Vecchi participou de uma "visita conjunta" na Polônia.

Encontrou-se com agentes de Pastoral Juvenil em Cracóvia e Lad.

3. Nos primeiros seis dias de maio participou de algumas jornadas pedagógicas em *Santa Cruz de Tenerife* para salesianos, salesianas e colaboradores que trabalham nas Ilhas Canárias.

## O Conselheiro para a Família Salesiana e a Comunicação Social

O Conselheiro para a Família Salesiana, P. João Raineri, encerrou a visita canônica extraordinária à Inspetoria salesiana do Oriente Médio, segundo as indicações dadas pelo Reitor-Mor nos ACS (Atos do Conselho Superior) n.º 295, págs. 37-38.

Trata-se de uma Inspetoria em condições excepcionais por causa dos acontecimentos sócio-políticos, o ambiente cultural e as presenças religiosas em que vivem as nossas comunidades.

Ao final da visita, que se efetuou no período de 28 de janeiro a 15 de abril de 1980, reuniu os Diretores, inaugurou o Capítulo Inspetorial de 1980 e discutiu os resultados da visita com o Conselho Inspetorial. Muito provada e muito fiel à vocação salesiana, a comunidade inspetorial constitui uma presença viva do carisma salesiano na Igreja.

Depois que regressou do Oriente Médio, P. Raineri manteve uma série de encontros com os participantes do Curso de Formação Permanente para animadores da Família Salesiana, que se encerrou na primeira década de junho e foi animado pelos membros do Dicastério, particularmente pelos padres José Aubry e Mário Cogliandro.

Depois disso o P. Raineri assistiu à realização das eleições da nova Presidência Confederal dos Ex-alunos. Entre os dezesseis candidatos indicados pelos eleitores para participar da Presidência, depois de ouvir o seu Conselho, o Reitor-Mor escolheu, como sucessor do Dr. José González Torres, o novo Presidente Confederal, na pessoa do Dr. José Castelli ex-aluno de Marórgia (Suíça), que já fora outras vezes

presidente daquela união, Presidente Nacional Suíço, Tesoureiro da Confederação Mundial, e que agora se achava empenhado na organização do *Eurogex* de julho-agosto de 1980 e do *Eurobosco* de 1981.

Nos dias 21 e 22 de junho, em Roma, junto com o novo Presidente Confederal foi esboçado um programa para o próximo sexênio e estabelecida a ordem do dia para a primeira reunião da Nova Presidência Confederal convocada para os 3 e 4 de agosto, a ser realizada em Lugano, simultaneamente com o *Eurogex* e a reunião dos presidentes ex-alunos da Europa.

A 1.º de maio e 7 de junho realizaram-se duas reuniões do Grupo Central dos animadores da Família Salesiana, junto com os representantes dos vários grupos, visando um intercâmbio de idéias e sugestões para a Semana de Espiritualidade de 1981, o Centenário de Maria Domingas Mazzarello, Revista de espiritualidade para a Família Salesiana, animação mariana da Família Salesiana, e comunicações diversas.

De 13 a 15 de junho o Dicastério colaborou com a Região italiana para a realização da "Escola para Delegados e Delegadas Inspeccionais dos Cooperadores".

Outras importantes reuniões foram aquelas de um grupo de sacerdotes diocesanos ex-alunos e cooperadores, no dia 26 de julho, e a reunião da Secretaria Executiva dos Cooperadores sobre o programa de revisão do Regulamento, nos dias 27 e 28 de junho.

### No Secretariado para a Comunicação Social

O Delegado Central, P. Heitor Segneri, apresentou o programa de

formação para a comunicação social aos formadores da Espanha em Madri, no dia 1.º de maio, aos da Região do Pacífico-Caribe no período de 18 de abril a 3 de maio, e àqueles da Região italiana de 20 a 24 de junho. Nas últimas duas reuniões esteve presente também P. Raineri.

Entre as atividades do Secretariado assinalam-se as reuniões de Caracas para os Editores Salesianos e os Diretores dos Boletins Salesianos da América Latina, a que estiveram presentes também os representantes das maiores editoras salesianas européias — SEI e LDC, para a Itália; Madri e Barcelona para a Espanha — e do Centro Catequético de New Rochelle (EUA).

Os padres Raineri e Segneri visitaram o Centro Catequético de New Rochelle, onde analisaram e discutiram, com o Conselho Inspeccionial e os encarregados do Centro Editorial daquela Inspeccção, um plano de atividades editoriais para as regiões de língua inglesa e para as pessoas que falam espanhol nos Estados Unidos da América.

Num caderno do ANS serão apresentadas as conclusões a que se chegou sobre a intercomunicação e a colaboração dos vários centros salesianos de comunicação social e de informação salesiana.

### O Conselheiro para as Missões

Concluída no mês de março a visita canônica à Prefeitura de Ariari, na Inspeccção de Bogotá, o Conselheiro para as Missões, P. Bernardo Tohill, teve breves encontros com os Irmãos da Inspeccção de São Domingos e visitou alguns centros da diocese de Barahona.

Representando o Reitor-Mor, aos 26 de abril participou em Madri das celebrações da Missa de Ouro

do Revmo. P. Modesto Bellido, ex-Conselheiro para as Missões, e externou os agradecimentos da Congregação e dos missionários por tudo o que fez — e ainda continua fazendo na Procuradoria Missionária de Madri — neste importante setor do apostolado salesiano.

Nos meses de abril e maio teve diversos encontros de animação missionária na Espanha com os estudantes de filosofia em Guadalajara e em Valladolid com os noviços de Mohernando e com um numeroso grupo de Irmãos em Barcelona.

Principalmente com vistas ao projeto da África, manteve encontros na Itália com as comissões do Capítulo Inspecional da Romana e com as casas de formação da Inspeção siciliana. Aí presidiu também a um encontro muito bem-sucedido de Grupos Missionários da Família Salesiana de toda a ilha.

#### *Compromissos missionários*

Vejamos a seguir um panorama atualizado dos novos compromissos missionários:

— *Angola*: Sete Irmãos (6 do Brasil e 1 do Uruguai) estão destinados aos dois centros missionários de Dondo e Luena; estão aguardando a permissão de entrada.

— *Benin*: A Inspeção de Bilbao enviará dentro em breve Irmãos para entrar em contato com dois bispos a fim de relatar, depois, ao Conselho Inspecional concretas propostas de realização.

— *Costa do Marfim*: A Inspeção de Barcelona aceitou o convite para assumir um compromisso missionário nesta nação e está programando uma visita.

— *Etiópia*: A Inspeção lombardo-emiliana comprometeu-se a dar início a algum novo centro na Etiópia.

— *Guiné Equatorial*: Ao contrário do ano de 1977, quando se viu constrangida a retirar o seu pessoal desta conturbada nação, graças à nova situação política a Inspeção de Madri pôde recentemente enviar para lá sete Irmãos no intuito de concretizar três novas presenças.

— *Quênia*: Aos 11 de maio um sacerdote salesiano italiano e um coadjutor argentino chegaram a Nairóbi a fim de começar o estudo da língua kikuyu. No mês de outubro se unirão a eles outros dois sacerdotes da Inspeção Central, a qual se encarregará da missão de Siakago, na diocese de Meru.

É provável que de quatro a seis Irmãos indianos sejam destinados à diocese de Marsabit, onde poderão assumir a responsabilidade de uma missão pioneira.

— *Libéria*: Três Irmãos norte-americanos já estão trabalhando numa paróquia urbana e numa escola técnica.

A Inspeção de Oxford (Grã-Bretanha) responsabilizou-se pelas nossas obras na Libéria e pretende enviar mais pessoal.

— *Madagáscar*: As Inspeções de Nápoles e Catânia optaram pelas presenças missionárias nesta grande ilha.

— *Papuásia e Nova Guiné*: Aos 12 de junho partirá de Manila o primeiro grupo de três salesianos para o primeiro posto salesiano na Papuásia, em Araimiri.

O segundo grupo de salesianos se juntará a eles no mês de ou-

tubro. Os salesianos chegaram às Ilhas Filipinas somente em 1951 e neste último decênio já enviaram salesianos filipinos à Tailândia, Etiópia e Papuásia.

Três Inspetorias italianas, uma espanhola e as Inspetorias polonesas externaram o propósito de arcar com a responsabilidade de presenças salesianas na África.

P. Harry Rasmussen está visitando algumas regiões do Quênia, Tanzânia e Zâmbia, que solicitam os salesianos. Está acompanhado do Inspetor de Bombaim, que está incumbido de coordenar na África o trabalho missionário das cinco Inspetorias da Índia, bem como conhecer os centros da África oriental, para onde serão enviados quinze Irmãos indianos.

#### O Conselheiro regional para a Região de língua inglesa

Depois de realizar a visita canônica das Casas e comunidades da África do Sul e da Suazilândia, o Conselheiro regional para a Região de língua inglesa, P. Jorge Williams, acompanhou o Reitor-Mor na sua visita àquela zona. Depois de permanecer uma semana na Casa Geral dirigiu-se à Irlanda a fim de concluir a visita canônica à Inspetoria de Dublin; visita que havia iniciado na África do Sul.

Em maio regressou a Roma, passando antes pelas Casas da Escócia (Aberdour e Glasgow) e visitando também a comunidade formadora de Ushaw, e o aspirantado de Shrigley, antes de encontrar-se com o Inspetor e alguns Conselheiros Inspetoriais em Oxford para discutir diversos problemas de comum interesse para a Grã-Bretanha e Irlanda.

Em junho visitou também a ilha de Malta para discutir com os Irmãos assuntos atinentes à formação salesiana naquele país.

#### O Conselheiro regional para a América Latina — Região do Atlântico

De 11 de janeiro a 1.º de junho de 1980 o Conselheiro regional para a América Latina — Região do Atlântico — P. Walter Bini, cumpriu o seu programa de visitas, reuniões, encontros e contatos na região que lhe é confiada.

O compromisso mais absorvente foi a visita canônica extraordinária à Inspetoria de Belo Horizonte (Brasil) durante os meses de março, abril e maio.

Teve um dia de reunião (28 de fevereiro) com os Inspetores do Brasil e do Uruguai a fim de estudar a distribuição das responsabilidades no projeto missionário salesiano para Angola.

Com os Inspetores e Ecônomos inspetoriais da Argentina teve um dia de reunião para tratar do Boletim Salesiano argentino (1.º de fevereiro).

Em Bariloche presidiu à reunião da Conferência Inspetorial do Prata (27-29 de abril). Assunto principal: os centros salesianos de estudo para o pós-noviciado e as possibilidades da criação de um novo centro salesiano de estudos teológicos na Argentina.

Participou em Buenos Aires da reunião anual da Conferência dos Religiosos da Argentina (24-25 de abril).

Em São Paulo dirigiu uma reunião de três dias com sete missionários salesianos do Brasil e Uru-

guai que se preparam para ir a Angola (25-27 de março).

Esteve presente a algumas celebrações e cursos de uma certa importância para a Região: ao curso de preparação para a profissão perpétua de Irmãos do Brasil, em Barbacena (18-21 de janeiro); à primeira profissão dos noviços da Argentina, pela primeira vez em La Plata (31 de janeiro); à abertura do curso sobre meios de comunicação social para salesianos jovens, em Ramos Mejia (17 de fevereiro).

### O Conselheiro regional para a Ásia

Na segunda metade de janeiro o Conselheiro regional para a Ásia, P. Tomás Panakezhnam, visitou as duas comunidades de Sri Lanka que pertencem à Inspetoria de Madrastra. Depois presidiu à Conferência Inspetorial salesiana da Índia, que se realizou em Poona (Bombaim).

Os principais assuntos tratados na Conferência foram os seguintes: estudo do relatório apresentado por uma comissão sobre os estudantes filosóficos e teológicos salesianos na Índia; meios concretos para promover as vocações de Coadjuutores e como responder adequadamente ao convite do Reitor-Mor para as missões na África.

Depois disto visitou as Casas de formação das Inspetorias de Bombaim, Bangalore, Madrastra e Bangkok.

No início de março encerrou o Curso de Formação Permanente para os diretores das cinco Inspetorias do Extremo Oriente. Em

meados de março presidiu à reunião dos Inspetores das mesmas Inspetorias no Japão. Manteve diversas reuniões com os Conselhos inspetoriais desta Região.

A última semana de março e os meses de abril e maio foram dedicados à visita canónica extraordinária da Delegação da Coreia e da Inspetoria do Japão.

### O Conselheiro para a Europa Central e África Central

O Conselheiro para as Regiões Centrais da Europa e da África, P. Rogério Vanseveren, participou em Munique (Alemanha), no período de 13 a 17 de janeiro, do "encontro conjunto" do Reitor-Mor e Conselheiros dos Dicastérios com os Conselhos inspetoriais das Inspetorias de língua alemã (Norte e Sul da Alemanha e Áustria).

De 21 de janeiro a 24 de março realizou a visita canónica extraordinária à Inspetoria holandesa.

Durante esta visita dirigiu-se a Groot-Bijgaarden (Bélgica) a fim de ali participar, de 14 a 17 de fevereiro, do "encontro conjunto" com os Conselhos inspetoriais de língua neerlandesa (Holanda e Norte da Bélgica).

Depois da visita à Inspetoria holandesa, manteve contatos com Irmãos do Leste europeu. Em especial tomou parte em Lódz no "encontro conjunto" com os Conselhos inspetoriais da Polónia e Iugoslávia (de 15 a 22 de abril).

Depois acompanhou o Reitor-Mor em sua visita à África Central, Gabão, Zaire e Ruanda, visita esta que foi abordada no relatório das atividades do Reitor-Mor.

### O Delegado do Reitor-Mor para a Polônia

No mês de janeiro e nos primeiros dias de fevereiro, o Delegado do Reitor-Mor para a Polônia, P. Agostinho Dziedziel, reuniu os Inspectores, os Vigários inspetoriais e Ecônomos inspetoriais das Inspeções da Polônia a fim de analisar em conjunto alguns problemas atinentes à ereção das duas novas Inspeções, à preparação dos Capítulos inspetoriais e à visita do Reitor-Mor à Polônia. Posteriormente participou em Gracóvia e em Lutomiensk dos Capítulos inspetoriais das Inspeções polonesas.

Depois disso visitou todas as Casas das duas novas Inspeções a fim de apresentar aos irmãos as razões, o método da divisão das atuais Inspeções e as metas a atingir.

De 18 a 21 de abril realizou-se em Lódz o "encontro conjunto" do Reitor-Mor, P. Juvenal Dho, P. João Vecchi, P. Rogério Vanseveren e do Delegado do Reitor-Mor para a Polónia com os Conselhos inspetoriais da Polónia e Iugoslávia. Nesse encontro foram tratados os seguintes temas.

- Animação comunitária.
- Cuidado da identidade salesiana nas paróquias.
- Compromisso formativo.
- Animação da Família Salesiana.

### O Conselheiro para a Região ibérica

Nos meses de janeiro, fevereiro e março o Conselheiro para a Região ibérica, P. José Antônio Rico, efetuou a visita extraordinária à Inspeção de Barcelona, a qual foi

concluída com a reunião dos diretores em Marti Codolar, a 21 de março.

Depois disso viajou a Lisboa a fim de presidir a um breve curso para formadores dos seminários menores de religiosos e diocesanos, a pedido da Conferência dos Religiosos de Portugal (22-26 de março).

Retornou à Espanha e ali iniciou a visita extraordinária à Inspeção de Valença (29 de março), que o ocupou até fim de maio, concluindo-a em Campello, com a reunião dos Diretores.

Nos dias 12 e 13 de maio presidiu à reunião da Conferência inspetorial ibérica, na qual se tratou da chegada dos primeiros salesianos à Espanha (1881) e das fases da formação inicial.

E mais: antes de regressar a Roma, em nome do Reitor-Mor participou da celebração do 75.º aniversário da primeira Associação dos Ex-alunos da Espanha, em Sarriá (Barcelona).

### O Conselheiro para a Região da Itália e do Oriente Médio

O trabalho do Regional da Itália e do Oriente Médio, P. Paulo Natali, foi desenvolvido de janeiro a maio segundo estas linhas:

- visita extraordinária à Inspeção siciliana: de 12 de janeiro a 17 de maio;

- preside à reunião da CISI de 28 a 31 de abril, na Casa Geral de Roma;

- encontro com o Conselho inspetorial da Inspeção veneziano-veronesa para uma reflexão em comum um ano depois da visita extraordinária; e com o Conselho inspetorial da Ligure-Toscana;

— vários outros encontros com setores da CISI.

### **O Conselheiro regional para a Região do Pacífico-Caribe**

O Conselheiro regional para a Região do Pacífico-Caribe, P. Sérgio Cuevas, partiu de Roma aos 6 de janeiro para um giro pela América Central. Fez escala em Madri onde se encontrou com os estudantes de teologia da Inspeção das Antilhas que estudam em Salamanca. Alguns dias depois chegava a Manágua, capital da Nicarágua, para entrar em contato com todos os Irmãos que trabalham naquela nação.

Continuou a visita às casas da cidade de Guatemala, prosseguindo depois em São Salvador, sede inspetorial, e nos demais países da América Central.

Em fins de janeiro viajou para o México a fim de realizar consultas para a nomeação do novo Inspetor de Guadalajara.

Nos primeiros dias de fevereiro iniciou a visita canônica na Inspeção de Bogotá (Colômbia), que se estendeu até 31 de março.

Na primeira semana de abril começou a visita canônica no Peru, terminando-a aos 17 de maio.

Em fins de maio esteve com os participantes dos encontros da comunicação social na cidade de Caracas, na Venezuela.

## 5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS

### 5.1 Solidariedade fraterna (32.ª relação)

#### a) INSPETORIAS DAS QUAIS CHEGARAM OFERTAS

##### AMÉRICA

Estados Unidos (Este)	200.000
Estados Unidos (Este)	180.000
Estados Unidos (Oeste)	3.000.000

##### AMÉRICA LATINA

Brasil, São Paulo	1.000.000
Brasil, São Paulo	2.798.000

##### ÁSIA

Índia, Gauhati	1.000.000
Índia, Madrasta	327.500

##### EUROPA

Bélgica (Sul)	554.977
Alemanha (Sul)	2.308.402
Itália, Subalpina, Cuneo	450.000
Itália, Meridional	2.000.000
Itália, Novarense	1.000.000
Itália, Venezia, Udine	700.000
Espanha, Barcelona	1.125.000

Total das oferta chegadas entre 11.2.1980 e 15.5.1980	16.543.879
Saldo anterior	36.907
Quantia disponível a 15.5.1980	16.580.786

#### b) DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIAS RECEBIDAS

##### ÁFRICA

África, Makalé: para o aspirantado	200.000
África, Missões: nova fronteira	500.000

##### AMÉRICA LATINA

Antilhas: para os sinistrados	400.000
----------------------------------	---------

Antilhas, S. Domingos, Barahona: para re- médios e para os pobres	1.000.000
--	-----------

Argentina, Buenos Aires: para Dom Sapelak	180.000
---	---------

Argentina, Rosario: para livros	1.000.000
------------------------------------	-----------

Brasil, Campo Grande: para construção de ambientes paroquiais	1.000.000
---	-----------

América Central, San Salvador: para remédios	1.000.000
--	-----------

Chile, Santiago, La Florida: para ins- trumentos didáticos	260.000
--	---------

Colômbia, Bogotá, missão Eldorado: para bancos da igreja	900.000
--	---------

Colômbia, Bogotá, missão Lejanias: fundo rotativo para remédios	1.000.000
--	-----------

Colômbia, Bogotá, missão Puerto Rico: para um motor	1.300.000
---	-----------

Colômbia, Medellín, Ciudad Don Bosco: para as necessidades diárias	1.000.000
México, missão Mixes: para audiovisuais catequéticos	726.800
Paraguai: (do Brasil, São Paulo)	2.798.000
<b>ÁSIA</b>	
Macau: para os "Pueri Cantores"	1.000.000
Tailândia, Bangkok: para os refugiados cambodjanos (Ale- manha — Sul)	2.308.402

<i>Total das quantias entregues entre 11.2.1980 e 15.5.1980</i>	16.573.202
<i>Saldo em caixa na mesma data</i>	7.584
<i>Total em liras</i>	16.580.786

c) MOVIMENTO GERAL DA  
SOLIDARIEDADE FRATERNA

<i>Quantias chegadas a 15.5.1980</i>	923.448.453
<i>Quantias distribuídas na mesma data</i>	923.440.869
<i>Saldo em caixa</i>	7.584

## 5.2 O Papa em Turim: um acontecimento diferente que interpela a todos

### Palestra proferida pelo Reitor-Mor, a convite do cardeal Anastácio Ballestrero, em preparação à visita de João Paulo II a Turim.

Depois de amanhã a cidade de Turim receberá a visita do Papa João Paulo II.

Afinal, o dinamismo que caracteriza este pontificado poderia fazer com que não qualificássemos de excepcional uma viagem do Papa fora de Roma. Sem dúvida, porém, esta visita a Turim constitui para nós um evento "diferente" por sua natureza e significado histórico.

Eu, por exemplo, senti-me fortemente interpelado. O convite que recebi para unir-me convosco para acolher o Papa fez-me sentir vocacionalmente "turinense", envolvido convosco no acontecimento que es-

no que faria Dom Bosco e senti-me pequeno e um tanto desambientado.

Para situar-me, porém, mergulhei nas origens turinenses do Carisma Salesiano, a cujo serviço me acho, e revivi anos fecundos de graça e de luta, todos de cunho turinense.

Ademais, tive que sintetizar as minhas frequentes e não breves meditações sobre a figura "deste" Papa; concentrei minha atenção em sua personalidade, nos seus gestos, no seu magistério, na sua "atletica" atividade pastoral, para enfim amadurecer dentro de mim uma síntese que pudesse oferecer-vos um motivo de reflexão útil.

Apresento-vos, portanto, meu ponto de vista para fazer dele objeto de reflexão comum e assim adquirirmos, todos juntos, uma disponibilidade melhor para o evento.

Peço-vos que tenhais paciência, se porventura me delongar um pouco demais, pois se trata de um acontecimento fora do comum, e vale a pena que nos demoremos mais

## 1. Sucessor de Pedro

Quem é que visita Turim? Um crente polonês que vem de longe, de outra cultura? Um sacerdote da Igreja romana que sobreviveu apesar da queda dos Estados Pontifícios, há coisa de um século? Um asceta de fama internacional que espalha receitas morais para enfrentar sabiamente a vida? Um ideólogo com algum projeto histórico de nova sociedade humana? Um cientista, um sindicalista, um grande industrial, um político, um famoso chefe de Estado?

No ano passado fui testemunha, em Puebla, do verdadeiro significado da visita do Papa às várias cidades do México (México, Puebla, Guadalajara, Oaxaca, Monterrey). Quase vinte milhões de pessoas acotovelaram-se em torno dele: ninguém as tinha convocado e postado como que numa parada. Não; elas se movimentaram espontaneamente com todos os meios, deslocaram-se de todas as distâncias sem ligar para sacrifícios, arredando todas as diferenças sociais e culturais.

Sabemos que o mesmo fenómeno se produziu também nas vistas do Papa à Polónia, à Irlanda, aos Estados Unidos e às várias localidades e cidades italianas.

Mas, permiti-me que vos dê um conselho: convido-vos a evitar a atitude superficial daqueles que vêem no Papa somente o personagem caprichoso com o gesto imprevisível. Infelizmente precisamos acautelar-nos contra um certo mau vezo da comunicação social, mais sensível a exterioridades originais reduzidas ao seu nível fenomenológico do que à realidade subjacente e à riqueza comunicativa de toda uma linguagem feita de símbolos que devem ser interpretados; exaltam o "Wojtyla superstar" para esquecer o aspecto mais profundo do seu serviço histórico; isto

poderia ser, às vezes, também um modo prático e astuto de combater o Papa, enquanto se procura exaltá-lo.

As massas acorrem para vê-lo, para cumprimentá-lo, para ouvi-lo, porque intuem que se acham diante de um personagem original, único e verdadeiramente atual, que está envolto numa auréola de mistério, portador de uma luz e de uma esperança que transcende a sua própria pessoa, de uma mediação de bondade e de coragem que ultrapassa os impostos limites pessoais da sua formação intelectual e da generosidade do seu coração.

O povo sente que o Papa traz consigo um segredo de futuro, um remédio especial para tantos males, um sorriso de perdão e de encorajamento, uma visão livre e serena das coisas que é característica do papado de todos os tempos: que, afinal, tem sido atual e útil ao longo de nada menos que vinte séculos e que faz vibrar intensamente também hoje a história humana. No mundo atual não existe outro profeta deste porte.

Ele é o "sucessor de Pedro": eis a razão última desta sua mágica atração de perene atualidade.

— Entrementes, cumpre observar-me que se trata de uma "sucessão *ininterrupta*" de fato, que se prolonga há quase 2.000 anos e destinada a permanecer até o fim dos séculos: "Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mt 16,18).

Não se trata de fato historicamente fácil de se explicar.

Aqui por Turim já passou um Papa, nada menos que duas vezes: Pio VII, de 12 a 14 de novembro de 1804, quando de sua viagem rumo a Paris para a coroação de Napoleão; e a segunda vez, de 19 a 22

de maio de 1815, quando retornou a Roma, de regresso do seu exílio.

Antes já os tem havido, e é possível que outros Napoleões ainda surjam, que acreditaram fosse fácil interromper a sucessão apostólica do Papa.

Mas o fato é patente: depois de amanhã nos visitará um Papa que nos faz remontar, justamente sem interrupções, ao apóstolo Pedro, no primeiro século, do qual inferimos o imperecedouro ministério apostólico de iluminação e de encorajamento.

Para sabermos quem é o Papa é preciso que recuemos até "Pedro"; com efeito, o dálmata São Jerônimo chamava o Papa de "sucessor do pescador da Galiléia" (Ep 15,2; PL 22,355). Vemos aqui uma sintomática predileção pelos "pobres de Javé". Alguém poderia, contudo, insistir ideologicamente neste aspecto: o Papa é sucessor de um trabalhador hebreu, que finca sua primeira origem nos pobres, numa certa cultura operária, uma classe obreira empenhada com simplicidade no realismo do cotidiano, etc. Mas, semelhante insistência transformar-se-ia logo em superficial demagogia de que estamos mais do que saturados.

Efetivamente, o pescador da Galiléia se chamava "Simão", ao passo que o primeiro papa foi chamado de "Pedro": "Eu, por minha vez, te digo — disse Jesus a Simão, filho de Jonas — que tu és Pedro e que sobre ti, como sobre uma pedra, edificarei a minha Igreja" (Mt 16,18). Enquanto houver história, a função histórica de Pedro não consiste no trabalho do pescador, nem na classe social do trabalhador, não é a nacionalidade do hebreu, nem os gostos sócio-políticos de Simão, tampouco os seus dotes de intuição e de audácia, mas um misterioso e permanente poder re-

As suas qualidades de rocha e de alicerce não se referem a uma profissão humana: Pedro não foi chamado para fazer política, ou economia, ou ciência, ou técnica; nele tudo se refere a Cristo, de quem não é "sucessor" mas "vigário"; também qualquer um dos seus sucessores permanece "vigário de Cristo" pelos séculos em fora.

Estamos, pois, diante de um "ofício" excepcional e único; porque é originalíssimo e inigualável o Cristo, morto porém ressuscitado, enfim sempre vivo para os homens, "ontem, hoje e nos séculos". Neste tempo pascal, brota com espontaneidade a lembrança dele.

É aqui onde começa a beleza do mistério do Papa; Pedro é uma mediação sacramental de Cristo. E Cristo não pode ser entendido sem a ressurreição. Eis o ponto crucial da popularidade e atualidade do Papa: ele é o vigário de Cristo ressuscitado.

Tende consciência bem clara disso e, vo-lo repito com ênfase, pensemos com profundidade: Cristo ressuscitou, Cristo vive, Cristo é o Senhor da História, Cristo é mais forte que todas as potências, Cristo ressuscitado é o libertador e o salvador do homem. Esta é, pois, a grande realidade central: na história, tão complexa e tão sofrida, tão manipulada por utopias políticas e por potências militares, tão idolatrada pelos violentos e pelos ateus, existe uma potência indomável que emerge continuamente, que é mais forte que a morte, é a ressurreição de Cristo, o seu amor gratuito, a sua vontade de redenção, a sua verdade salvífica.

E Cristo ressuscitado a tudo chega com o seu Espírito vivificante, sem por isso tornar-se alternativa de nenhum valor humano: abrange a política e a economia, as atitudes

des sociais e culturais, a guerra e a paz; sobretudo toca o coração do homem, a alegria e a dor, a saúde e a doença, a vida e a morte. A sua presença é indispensável, mas sem substituir nenhuma iniciativa e nenhuma função do homem: é um algo a mais salutar, sem o qual nada permanece plenamente humano.

Com razão disse o Papa em sua primeira alocução: "Irmãos e irmãs: Não tenhais medo de acolher a Cristo e de aceitar o seu poder! Ajudai o Papa e todos quantos querem servir a Cristo e, com o poder de Cristo, servir ao homem e à humanidade inteira! Não tenhais medo! Abri, ou melhor, escancarai as portas para Cristo! Ao seu poder salvador abri as fronteiras dos Estados, tanto os sistemas econômicos como aqueles políticos, os vastos campos de cultura, de civilização, de desenvolvimento. Não tenhais medo! Cristo sabe 'o que há dentro do homem'. Só ele o sabe!" (Oss. Romano 23-24 de outubro de 1978).

Pois bem: Pedro é o centro do sacramento portador deste sagrado poder; e o Papa é o seu perene sucessor que o torna presente em todos os séculos, em todas as cidades, em todas as situações humanas. Esta mediação tão extraordinária recebeu uma denominação quase bucólica, que não espanta os poderosos e não se opõe qual alternativa a nenhuma outra das múltiplas profissões da vida política e da sociedade técnica: é a responsabilidade e a atividade pastoral. Por conseguinte: quem nos vem visitar é um "Pastor".

A Pastoral é um serviço próprio e específico do Papa e dos bispos, com os seus colaboradores, que são os padres. Podemos vê-la descrita na frase de Pedro ao paralítico: "Prata e ouro eu não tenho. Mas o que tenho, isso te dou: Em nome

de Jesus Cristo de Nazaré, levanta-te e anda!" (At 3,6). O pastor vive para o seu povo, não tanto para resolver diretamente problemas políticos ou econômicos, científicos ou culturais, mas, isto sim, para levar o verbo libertador e salvador de Jesus Cristo. Trata-se não só de um ministério ou de uma profissão original e única na história, mas também tão importante e indispensável que foi preciso que houvesse a encarnação de um Deus para inventá-la. Pois bem: num momento em que para alguns padres e agentes apostólicos se criou uma crise de identidade pastoral com evasões vocacionais e derivações de ideologias sócio-políticas, esta forte proclamação de identidade que o Papa leva para toda parte constitui um sinal de renascimento. Um sacerdote ou uma religiosa que deixa a sua vocação para melhor dedicar-se à promoção humana, certamente perdeu o verdadeiro significado da pastoral e da sua urgente necessidade para o homem de hoje.

Ao contrário disso, as visitas do Papa permitem apalpar que a pastoral é um empenho histórico de suma atualidade, de extraordinária influência em todos os campos e de desafio a certas hegemonias culturais.

Constitui um serviço mais do que nunca indispensável para o povo, principalmente numa hora de transição cultural; é a presença viva da missão libertadora e salvadora do Redentor do homem, Jesus Cristo, que proclama o seu Evangelho aos pobres. É a hora do relançamento pastoral por meio de uma nova evangelização. Lembremos as duas exortações apostólicas "Evangelii nuntiandi" e "Catechesi tradendae". Pensai um momento no ambiente geral das cidades italianas: a chamada cultura católica parece submersa e ultrapassada,

tem o aspecto de uma moda abolrada, sem carga de futuro para resolver os problemas do homem moderno. E no entanto, o que o Papa salienta em suas viagens e em suas mensagens é precisamente o contrário: uma genuína evangelização proclama que o mistério de Cristo é atual e dinâmico, que é indispensável para construir a nova sociedade. O Evangelho é um patrimônio de valores que espalha sua influência sobre tudo: toca o coração, toca as pessoas, toca a família, toca a economia, toca a sociedade, toca os partidos, toca as ideologias, toca os Estados, toca as culturas, todas as coisas.

Por isso mesmo o Pastor precisa ter uma grande carga espiritual e estar profundamente sintonizado com o Espírito de Cristo, e assumir claramente uma visão de fé e uma preocupação redentora do homem, do mesmo modo como fez Jesus Cristo, que não foi "o primeiro revolucionário", mas "o primeiro Pastor"!

Por conseguinte, quem vem visitar Turim é o Pastor dos Pastores, sucessor de Pedro e Vigário de Cristo Ressuscitado! Vem até nós com a novidade evangelizadora do Vaticano II; vem a nós com a clareza e a coragem de quem sofreu em sua própria carne os erros e os abusos das estruturas sociais carentes de Evangelho.

## 2. Numa Turim emblemática

Antes de mais nada, convém frisar que esta visita de João Paulo II se insere, naturalmente a seu modo, na continuidade do estilo pastoral dos seus imediatos predecessores.

Desde o dia em que João XXIII

muros do Vaticano para visitar a sua Igreja e, depois, aquela de Loreto, numa viagem que se tornou famosa, aos poucos fomos nos habituando a ver o Papa que visita individualmente as Igrejas da Itália e que se desloca a diferentes Igrejas dos cinco continentes.

É um sinal característico de todo um novo estilo de pastoral: o da nova era conciliar.

Na trilha já experimentada desta nova modalidade de exercitar o ministério de Pedro, João Paulo II visita Turim.

Desconheço as razões imediatas da decisão do Papa de transportar-se para junto de nós; contudo, podemos deter-nos em procurar ou destacar algumas conveniências inerentes à história, à vida e aos problemas desta cidade e às características da laboriosa comunidade eclesial que nela peregrina.

A indicação sucinta de alguns desses aspectos servirá para avaliar melhor o acontecimento que estamos prestes a viver:

— Turim é uma cidade em busca de uma nova paz. O Papa vem visitar uma Igreja local que se acha em dificuldades. Foi o que disse o cardeal arcebispo em sua mensagem, quando assim se expressou: "O Papa vem a Turim com espírito profundamente participante das ocorrências não alegres e não tranquilas que a cidade viveu nos meses passados, e que continua a viver. Vem a Turim sabedor também de que aqui vai encontrar pessoas que provêm de todas as partes da Itália e que vivem a experiência da emigração com especial dificuldade e com particular esforço. Exatamente em virtude deste conhecimento consciente é que o Papa deseja encontrar-se com a nossa cidade; rezar com a comunidade

tribulações e tantos sofrimentos, e anunciar o Evangelho de esperança, de amor, de fraternidade e de paz conforme está fazendo em todas as partes do mundo desde que se tornou Sumo Pontífice" (Avvenire, 11 de março de 1980).

— Turim é a cidade do Santo Sudário. Trata-se da relíquia mais extraordinária da paixão, morte e ressurreição de Cristo, a qual se acha presente na cidade há mais de 400 anos e que foi visitada por grandes personagens da história da Igreja, conforme podemos lembrar, por exemplo, São Carlos Borromeu, Pio VII, o próprio cardeal Wojtyła, de Cracóvia (agora Papa), o metropolitano de Leningrado, Bóris Nicodim, que alguns dias depois morria subitamente nos braços de João Paulo I, numerosos não-católicos e muitos estudiosos, que inventaram uma nova ciência, a "sindonologia", extraordinariamente interdisciplinar e complexa. O Sudário faz de Turim uma cidade particularmente marcada por Cristo e destinada a trazer o cunho no desenvolvimento da sua fisionomia cultural.

— Turim, cidade dinâmica, é testemunha, de há um século, da revolução industrial, traz vivíssima em si a problemática nova e complexa do mundo do trabalho, não apenas no âmbito industrial e técnico, mas também do setor cultural, do emprego universitário, da educação e da problemática escolar.

— Turim é uma cidade de grande trajetória política, centro motor e inteligência urdidora da difícil unidade de ressurgimento do povo italiano, que sempre soube cultivar e desenvolver ideais transregionais que hoje poderiam erguer-se qual sinal característico da procura de unidade política da grande Europa, conforme a respeito tem falado mais de uma vez em profundidade

João Paulo II. "Hoje em dia especialmente a Europa está concretizando a sua unidade, não só econômica, mas também social e política, embora respeitando cada uma das nacionalidades. São muitos e complicados os problemas que devem ser enfrentados e resolvidos... Esperemos que a unidade leve também a uma consciência mais profunda das raízes — raízes espirituais, raízes cristãs — porque, se devemos construir uma casa comum, devemos também construir um alicerce mais profundo" (o Papa em Monte Cassino, "Oss. Romano", 20 de maio de 1979). E, a propósito, Turim pode ter um sugestivo memorial a apresentar.

— Em Turim vive uma Igreja local que desempenhou um papel certamente não marginal na história moderna e contemporânea do Povo de Deus na Itália.

O Papa, que é também o "Prímaz da Itália" vem visitá-la hoje como a sede arquiépiscopal de residência do cardeal Presidente, por nomeação do próprio Papa, da Conferência Episcopal Italiana. Esta laboriosa Igreja local turinense proporcionou ao mundo inteiro riquezas carismáticas para os tempos novos em que vivemos: um cón. Cottolengo para o serviço de amor pelo homem que sofre; um P. Cafasso para o serviço especializado de formação pastoral dos sacerdotes; um Dom Bosco para a predileção pelos jovens e por sua promoção civil e cristã; um cón. Allamano para a dimensão missionária universal; um Leonardo Murialdo, generoso apóstolo do mundo operário; e isto para citar apenas alguns.

— Turim e arredores, com efeito, têm sido uma Igreja local particularmente visitada pelo Espírito de Cristo ressuscitado para nela suscitar santos característicos e

numerosos que responderam oportunamente aos grandes problemas dos sinais dos tempos que no século XIX lançavam as bases de uma nova época histórica. A santidade no Piemonte no século dezanove e no começo do vinte enumera um elenco de pelo menos 58 modelos.

“Dos 58 santos, bem-aventurados, veneráveis servos de Deus — notou um estudioso — 5 são bispos (dos quais, 2 fundadores de Congregações religiosas e 3 religiosos), 27 sacerdotes (dos quais, 6 cônegos; 18 pertencentes ao clero secular dentre os quais 11 fundadores de Congregações religiosas; 9 ao clero regular), 2 religiosos leigos, 17 religiosas (das quais, 9 fundadoras) e 7 leigos... A origem remota poderíamos fazê-la recuar até o bem-aventurado Sebastião Valfré. Ao contrário disso, os expoentes próximos e concretos desta santidade são: Lanteri, Cottolengo e Cafasso. Depois, destes ramificam-se outros, que por sua vez se tornam centros de irradiação” (E. Valentini, *A santidade no Piemonte no século dezanove e começo do vinte*, em Revista de Pedagogia e Ciências Religiosas, A. IV, setembro-dezembro de 1966).

— E, finalmente, Turim, é uma cidade mariana privilegiada pela presença de Nossa Senhora principalmente sob dois aspectos caros à religiosidade popular. Como “*Consoladora*” das misérias humanas tão profundas e aumentadas hoje por aquele medo de que o Papa fala, quando em sua “*Redemptor hominis*” assim se expressa: “Uma civilização de aspecto puramente materialista condena o homem a tal servidão... submetendo o homem às tensões por ele mesmo criadas, dilapidando, com um ritmo acelerado, os recursos materiais e ener-

gias, submetendo o homem a um ambiente geofísico, tais estruturas dão margem a que se estendam incessantemente as zonas de miséria e, junto com esta, a angústia, a frustração e a amargura” (RH, 16). E sob o aspecto de “*Auxiliadora*” da Igreja, do Papa e dos Pastores, das concretas esperanças da juventude e também dos compromissos humanos, porque “a Igreja sempre tem ensinado o dever de agir pelo bem comum; e, procedendo assim, também educou bons cidadãos para cada um dos estados” (RH, 17). E Maria ilumina as atividades educacionais para viabilizar a assunção de tal dever.

— Em virtude destas interessantes características, e por outras mais que se poderiam acrescentar, a cidade de Turim e a Igreja particular que nela peregrina propiciam um especial contorno de ressonância para a visita do sucessor de Pedro. Urge saber dispor os espíritos no sentido de que lhe percebem as multiformes riquezas. Urge refletir sobre as próprias responsabilidades. Urge formular propósitos de futuro.

Os cristãos turinenses, e também eu me sinto plenamente envolvido com eles, sentem a necessidade de interrogar-se sobre as próprias opções eclesiais e sobre os seus engagements no campo social. Depois da triste e dramática explosão da violência percebemos que estamos vivendo numa cidade que precisa ser “*consolada*” e “*auxiliada*” (... trata-se de duas qualificações “*marianas*”), sentimos que precisamos rever a fundo as nossas atitudes, a nossa participação, a nossa comunhão, a nossa coragem, a nossa dedicação e a nossa dinâmica praticidade de recuperação. Não procuramos culpas, embora as haja; procuramos virtudes robustas e projetos competentes e claros.

Em suas atuações em Turim é possível que o Papa queira aprofundar o seu grande tema pastoral da encíclica "Redemptor hominis", que até agora tem abordado em toda a sua peregrinação.

Por conseguinte, é bom que junto façamos uma revisão do "quadro de referência doutrinal" que lhe é próprio e que assim lhe captemos as benéficas e exigentes conexões com a atual situação turinense, pelo menos como início sugestivo de uma comum e aprofundada revisão de vida.

### 3. Pastor-Profeta impregnado de realismo histórico no Cristo

Demoremos, agora, o nosso olhar sobre a figura deste Papa. Partindo das grandes linhas pastorais traçadas nestes intensos meses de pontificado por João Paulo II podemos afirmar — certos de que aprofundamos o significado concreto desta sua visita a Turim — que os habitantes de Turim deveriam sentir-se interpelados ao menos sobre quatro grandes temas: O homem, a sociedade civil, a Igreja-comunhão, a santidade.

Mas antes devemos frisar uma característica basilar da mentalidade de Karol Wojtyła: como é que ele costuma enfrentar os pontos temáticos essenciais da sua mensagem pastoral?

Ele movimenta-se vigorosa e inabalavelmente no realismo da história; considera o homem, a sociedade, a Igreja e a santidade como dados de fato que constituem o objeto pré-existente da reflexão, e não fruto dela: não como parte de noções ou de conceitos de onde se deve tirar ilações, mas de fatos concretos que levam à persuasão, com a perspicácia da fé de Pedro, aci-

ma de qualquer ideologia preconcebida.

As duas grandes vertentes culturais que prescindem da fé — o materialismo marxista e o agnosticismo laical, que proclamam o primado do temporal com um realismo de eficiência técnica ou de análise horizontalista — o Papa opõe o realismo da encarnação do Verbo. É um realismo não temporalista, que reconhece e assume certamente também as realidades da matéria e da ordem temporal, mas que intui além e considera como central um dado da história: a pessoa e a ação de Jesus Cristo no devir humano.

"O homem — disse o Papa em Varsóvia — não é capaz de compreender a si mesmo no mais profundo do seu ser sem o Cristo. Não pode compreender quem ele é, nem qual a sua verdadeira dignidade, nem qual é a sua vocação, nem o destino final... Não se pode excluir a Cristo da história do homem em qualquer parte que seja do globo, em qualquer longitude e latitude geográfica. A exclusão de Cristo da história do homem constitui um ato contra o homem" (2 de junho de 1979, em Varsóvia).

Ele é libertador do homem porque é seu Redentor, Filho de Deus, Deus que se faz homem, Deus para o homem, para todo homem, para o homem inteiro: "O homem que deseja compreender a si mesmo em profundidade deve aproximar-se de Cristo, com as suas inquietudes e incertezas e também com as suas fraquezas e pecaminosidade, com a sua vida e morte"; "cada aspecto do humanismo autêntico acha-se estreitamente ligado a Cristo"; "há uma única via que é, ao mesmo tempo, a via do futuro": é a via que conduz de Cristo ao homem (cf RH, passim). "Neste caminho sobre o qual Cristo se une a todo

homem a Igreja não pode ser detida por ninguém"! (RH, 13).

Sem dúvida, as realidades temporais possuem sua autonomia própria, razão por que são aprofundadas por disciplinas humanas com métodos e características científicas próprias; mas a presença de Cristo na história abrange tudo, embora não mude a natureza de nenhuma realidade. Cristo acha-se inserido no vigor histórico da existência e guia todas as realidades, de acordo com a autonomia da sua natureza, para uma convergência e síntese em prol do homem, pois "todas as coisas existentes na terra são ordenadas ao homem como a seu centro e ponto culminante" (GS, 12). E o homem é historicamente ordenado a Cristo.

Entre as realidades naturais na sua autonomia e as mesmas realidades enquanto ordenadas ao mistério de Cristo existe uma forte diferença de realismo existencial.

Pois bem: é com este realismo histórico e de fé que o Papa vai iluminando os grandes temas da sua mensagem.

### 3.1 Defensor da centralidade do homem na pastoral

Cristo — escreveu o Papa — é a estrada principal da Igreja (RH, 13), e o homem "é a primeira e fundamental via da Igreja traçada pelo próprio Cristo, a qual deve percorrer no cumprimento de sua missão"! (RH, 14).

Recordemos a mensagem de Natal de 1978, quando assim falava: "Natal é a festa do homem. Nasce o homem [...]. Por isso dirijo-me a todas as comunidades. Aos povos, às nações, aos regimes, aos sistemas políticos, econômicos, sociais e culturais e digo:

- aceitai a grande verdade sobre o homem!...

- respeitai este mistério!...

- permiti-lhe que se desenvolva nas condições exteriores de sua existência terrena...

- Tudo o que é humano nasce desta força; sem ela definha: sem ela cai em ruína" (25 de dezembro de 1978).

Mas, por que o Papa assume com tanto ardor e insistência a grande mudança de direção pastoral em prol do homem, que foi apresentada pelo Vaticano II? Ele próprio nos sugere uma explicação dessa sua atitude na homilia que pronunciou no campo de concentração de Auschwitz, ao dizer: "Alguém pode ainda admirar-se que o Papa, nascido e educado nesta terra, o Papa que veio à sé de Pedro da diocese em cujo território se acha o campo de Oswiecim, tenha iniciado a sua primeira encíclica com as palavras 'Redentor do homem' e que no seu conjunto a tenha dedicado à causa do homem, à dignidade do homem, às ameaças contra ele e, finalmente, aos seus direitos inalienáveis que tão facilmente podem ser espezinhados e aniquilados pelos seus semelhantes? Porventura é suficiente que se revista o homem de uma roupagem diferente, basta armá-lo com o aparato da violência, basta impor-lhe a ideologia em que os direitos do homem se acham sujeitos às exigências do sistema, completamente submetidos, a ponto de não existir de fato?" (7 de junho de 1979).

Esta temática do homem é amplamente desenvolvida na encíclica "Redemptor hominis" e em muitas alocuções proferidas praticamente por toda parte, principalmente em Puebla, na ONU, aos diplomatas.

Permito-me aqui frisar brevemente apenas alguns pontos característicos que nos podem ajudar a interpretar a visita do Papa, num programa pastoral de serviço concreto em prol do homem: a cada homem, aos jovens, aos doentes.

— “Cada homem”. Antes de mais nada, o Papa frisa com frequência que não fala somente da pessoa humana em geral, mas que quer referir-se exatamente ao indivíduo concreto, histórico, a cada homem: “um entre bilhões. E ao mesmo tempo, um, único, irrepitível... Para Deus e diante dele, o homem é sempre único e irrepitível; alguém eternamente ideado e eternamente escolhido; alguém chamado e denominado com o próprio nome... A cada homem, onde quer que trabalhe, crie, sofra, combata, pegue, ame, duvide; por toda parte onde viva e morra; dirijo-me a ele hoje, com toda a verdade do nascimento de Deus; com a sua mensagem” (25 de dezembro de 1978).

É neste sentido que são destacados tantos gostos do Papa, como aquele de querer apertar a mão de todos, ocupando mais tempo em manter contato, sorrir, dizer uma palavra às pessoas, do que a comunicar uma doutrina; este é o significado, não triunfalista, não de superstar, mas de servidor do homem concreto, de cada homem, da sua sorridente e paciente atitude amigável no meio das multidões.

— “Os jovens”. Sem dúvida alguma, este Papa demonstra uma extraordinária simpatia pelos jovens; vê neles o futuro do homem, uma força inovadora da humanidade; deposita confiança em sua generosidade; quer vê-los engajados em grandes ideais, os quer magnânimos e exigentes, exorta-os a serem abertos para o Absoluto, para Cristo, que é a chave de interpretação de toda a sua existência e história.

Ouçamo-lo falando no México: “Com a vivacidade que é própria da vossa idade, com o entusiasmo generoso do vosso coração jovem, caminhai ao encontro de Cristo: somente Ele é a solução de todos os vossos problemas; só Ele é o caminho, a verdade e a vida... A vossa sede de absoluto não pode ser saciada pelos sucedâneos de ideologias que levam ao ódio, à violência e ao desespero... Jovens! Empenhai-vos humanamente e cristãmente em coisas que demandam esforço, desintresse e generosidade... Voltando para casa, dizei a todos que o Papa conta com os jovens, dizei que os jovens são a força e a consolação do Papa, que quer estar com eles para fazer chegar até eles a sua voz de encorajamento entre milhares de dificuldades que implica a existência no meio da sociedade” (30 de janeiro de 1979).

E ouçamos o que ele falou na Irlanda, na homilia dirigida aos jovens: “Esta manhã o Papa pertence à juventude da Irlanda. Quanto desejei este momento... Creio na juventude com todo o meu coração e com toda a força da minha convicção... Amanhã vós sereis a força vital da vossa nação... Amanhã, na qualidade de técnicos ou de professores, como enfermeiras ou secretárias, como camponeses ou na qualidade de homens de negócio, como doutores ou como engenheiros, como padres ou como religiosos; amanhã vós tereis o poder de fazer com que os sonhos se transformem em realidade” (30 de setembro de 1979).

É assim que vemos o Papa rezando e cantando com multidões imensas de jovens na Polónia; foi o que fez também nos Estados Unidos, na Irlanda, em Castel Gandolfo e em Roma nas várias paróquias; já é uma imagem familiar ver o Papa que se compraz em estar entre os jovens, que dessa maneira contri-

bui com um serviço de otimismo para o homem do futuro; como é lindo vê-lo no pátio de São Dâmaso recebendo 5.000 jovens trabalhadores e estudantes, entreter-se com eles, participar do mesmo entusiasmo tomando-os pela mão, acompanhar os seus cânticos, gagentando a todos que partilha com eles a coragem da esperança.

Em Valdocco João Paulo II encontrará Dom Bosco, um sonhador impregnado de realismo, que dedicou todos os seus extraordinários dotes pessoais e a sua robusta santidade ao serviço do homem-jovem; enquanto em Turim os políticos se esforçavam por construir um novo Estado, o santo piemontês trabalhava evangelicamente para formar os cidadãos.

— “Os doentes”. O Papa sente uma misteriosa atração “por todo homem que sofre, por todo doente, por todo homem pregado num leito de hospital, por todo inválido forçado a permanecer numa cadeira de rodas, por todo homem que de qualquer maneira se encontra com a Cruz”, por que vê nos doentes uma manifestação sacramental da redenção do mundo. Olha para o sofrimento humano a fim de descobrir o significado cristão da dor transfigurada pelo amor de Cristo. Está consciente com sincera humildade da insuficiência das palavras e da impotência da compaixão, mas adora o mistério da cruz e diz aos doentes: “Unindo-me com todos vós, que sofreis [...] nas casas, nos hospitais, nas clínicas, nos ambulatórios, nos sanatórios... onde quer que estejais, vos peço: fazei uso salvífico da cruz que se tornou parte de cada um de vós. Peço para vós a graça da luz e da força espiritual no sofrimento, a fim de que não esmoreçais, mas para que descubrais sozinhos o sentido do sofrimento e possais,

com a oração e o sacrifício, aliviar as dores dos outros. Não vos esqueçais de mim e de toda a Igreja, de toda a causa do Evangelho e da paz, a que sirvo por vontade de Cristo. Vós, fracos e humanamente inábeis, sede fonte de força” (Polónia, 4 de junho de 1979).

A familiar atitude do Papa em querer estar perto de todos os que sofrem, as visitas aos doentes dos hospitais, aos coitados marginalizados, às vítimas do terremoto de Valnerina, etc. constituem gestos de especial solidariedade e co-participação na dor.

Certamente veremos alguns desses seus gestos quando de sua visita a Cottolengo. Não acredito que se trata de um artifício retórico de efeito, mas é como que espontânea a aproximação, aqui em Turim, do sudário de Cristo ao homem sofredor do Cottolengo; o Santo Sudário nos mostra o rosto e o corpo martirizado de um homem concreto que dados de uma séria pesquisa já permitem identificar com Jesus Cristo; o Cottolengo nos mostra outros rostos e outros corpos de homens sofredores: são um sudário vivo, tecido não de substâncias têxteis, mas de nervos e músculos humanos.

### 3.2 *Mestre de ética na sociedade civil*

Um campo muito delicado e corajoso do magistério do Papa é aquele da evangelização da sociedade, ou seja, da convivência nas complicadas implicações dos seus multiformes problemas.

Não está dissociado do tempo do homem, antes, constitui o seu aspecto social, económico e cultural.

Ao dirigir sua palavra às autoridades públicas da Polónia, lembra o Papa: “A Igreja deseja servir os homens também na dimensão tem-

poral da sua vida e existência. Visto que esta dimensão se realiza através da pertença do homem às diversas comunidades — nacionais e estatais e, portanto, ao mesmo tempo, sociais, políticas, econômicas e culturais — a Igreja redescobre continuamente a própria missão com relação a estes setores da vida e da ação do homem. É o que confirma a doutrina do Concílio Vaticano II e dos últimos pontífices" (2 de junho de 1979, em Varsóvia).

Sabemos que o aprofundamento do tema da "moralidade" em toda a existência humana constitui um dos campos prediletos do Papa, em face de sua pessoal competência neste setor. Na encíclica "Redemptor hominis", por exemplo, insiste na dimensão ética da política. A coragem e clareza com que a traça nos faz pensar nas duras vicissitudes da sua experiência pessoal. A nobreza da política provém da sua radical dimensão humana: "O sentido essencial do Estado, como comunidade política, consiste nisso: a sociedade ou quem a compõe, o povo, é soberana do seu próprio destino. Tal sentido não se torna realidade se, em lugar do exercício do poder com a participação moral da sociedade ou do povo, tivermos de assistir à imposição do poder por parte de um determinado grupo a todos os outros membros da mesma sociedade" (RH, 17).

Por isso, é indispensável que haja "uma correta participação dos cidadãos na vida política da comunidade" e para tal fim é preciso que exista uma "necessária energia da autoridade pública". No centro desta ética política coloca-se a solicitude em agir pelo bem comum da sociedade que constitui "o dever fundamental do poder" (RH, 17).

A Igreja procura educar os crentes a serem bons cidadãos e trabalhadores úteis e criativos nos di-

versos campos da vida social; é o que ele lembrava às autoridades polonesas, acrescentando: "Com esta sua atividade, a Igreja não deseja privilégios, mas só e exclusivamente o que é indispensável para o cumprimento da sua missão" (2 de junho de 1979, em Varsóvia).

João Paulo II atribui muita importância à "Declaração universal dos direitos humanos"; cita-a na sua encíclica "Redemptor hominis" e tomou-a como base de diálogo com os políticos no solene e linear discurso proferido na ONU.

Para o Papa essa Declaração representa uma verdadeira conquista da humanidade fermentada, em nada menos que vinte séculos de história, com a presença redentora do Cristo. Constitui uma "pedra milhária" no caminho do progresso ético; um documento de origem humana, fruto de reflexões e de experiência, que emergiu depois de muitos sofrimentos e injustiças. Ela propõe-se "criar uma base para uma contínua revisão dos programas, dos sistemas e dos regimes, precisamente sob este fundamental ponto de vista, que é o bem do homem — digamos, da pessoa na comunidade — e que, qual fator fundamental do bem comum, deve constituir o critério essencial de todos os programas, sistemas e regimes" (RH, 17).

Por conseguinte, esta Declaração deve ser considerada como uma espécie de "credo democrático" para uma sociedade pluralista, cujos membros devem saber visar os seus conteúdos éticos fundamentais, também nas suas diferenças ideológicas.

Num campo tão vasto aprez-me destacar somente dois aspectos do magistério deste Papa: a problemática do mundo do trabalho e a atua-

lidade do ensinamento social da Igreja.

— *Solícito pelo mundo do trabalho.* O Papa dirigiu a palavra aos trabalhadores e falou dos seus problemas em numerosas circunstâncias (México, Polônia, Pomézia, etc.), lembrando também a sua experiência pessoal de trabalhador: "Também eu tive a experiência direta de um trabalho físico como o vosso, de uma faina diária e da sua dependência, de seu peso e monotonia. Por isso, considerai o Papa como um amigo vosso e colega" (Pomézia, 14 de setembro de 1979).

Falou com clareza e vigor; defendeu-lhes a dignidade e os direitos, mas sem demagogia; lembrou-lhes também os deveres e os compromissos e todas as exigências éticas da sua convivência social. "Ao cristão não basta a denúncia das injustiças, mas dele se exige que seja verdadeira testemunha e promotor de justiça; quem trabalha tem direitos que deve defender legalmente; mas tem também deveres que deve cumprir generosamente" (Guadalajara, 30 de janeiro de 1979).

Falou também aos empresários, dirigentes e organizadores de empresas que oferecem emprego e pão para que a sociedade se transforme com a cooperação de todas as forças operantes. Eles têm certamente grandes méritos, mas também grandes responsabilidades" (Pomézia, 14 de setembro de 1979).

O Papa está preocupado em fazer com que o vasto mundo do trabalho compreenda que a Igreja não se aliena dele, mas que nutre simpatia, gratidão e preocupação por toda a sua vida. "Mas, às vezes nos ambientes do trabalho se acha difundida a opinião contrária. A Igreja, dizem, ocupa-se dos valores morais e religiosos e desinteressa-se dos valores econômicos e temporais.

como se não entendesse a realidade em que se acha o trabalhador. E assim se duvida ou se desconfia das palavras e dos gestos benévolos da Igreja. Alguns chegam a perguntar-se: o que tem a ver a religião com a indústria? Não são duas realidades heterogêneas? Não acabam misturando o sagrado com o profano?" (Pomézia, 14 de setembro de 1979).

E então o Papa mostra como o trabalho faz parte de uma atividade mais ampla do que aquela própria do homem e que implica uma dimensão ética; com efeito, "o trabalho existe para o homem, e não o homem para o trabalho". A luz do Evangelho nos faz descobrir "a carência fundamental de todo sistema que pretenda considerar como puramente econômicas as relações humanas nos lugares de trabalho e sugere quais outros relacionamentos devem integrá-lo, até mesmo regenerá-lo segundo a visão cristã da vida: primeiro o homem, depois o resto" (Pomézia, 14 de setembro de 1979).

Se há um setor em que o materialismo pode exprimir-se numa forma hegemônica totalitária é justamente o mundo do trabalho; mas com o materialismo "o homem voltaria a ser escravo"! (Pomézia). Pois bem, disse ele no México: "Se a humanidade quer controlar uma evolução que lhe escapa das mãos, se quer fugir à tentação materialista que ganha terreno numa fuga desesperada para a frente; se quer garantir o desenvolvimento autêntico para os homens e para os povos, deve rever radicalmente os conceitos de progresso que sob nomes diversos permitiram que se atrofiassem os valores espirituais" (Monterrey, 31 de janeiro de 1979).

— *Participação do magistério social.* Para enfrentar os complexos problemas da justiça na posse e no uso dos bens econômicos, do

ordenamento político, dos direitos intangíveis do homem, da liberdade, da verdade, João Paulo II tem reivindicado com insistência o valor e a atualidade do ensinamento social do magistério, tanto em Puebla como na "Redemptor hominis", tanto na ONU como em toda parte.

Espalhará-se um certo desapego da chamada "doutrina social da Igreja", que dispensa em não poucos círculos de reflexão, também de católicos, uma atenção de privilégio a certas interpretações ideológicas do marxismo e apresentadas como científicas. O Papa restaura com vigor a função profético-crítica do magistério dos Pastores, com a explícita valorização e exercício do seu ensinamento social, feito de maneira realista em determinadas circunstâncias históricas, mas inspirado perenemente na mensagem libertadora de Cristo-Profeta.

Conforme temos visto, a evangelização social de João Paulo II centra-se no homem de maneira ampla e diversificada, mas voltada sempre para o essencial a fim de projetar-lhe com originalidade os numerosos valores sobre as vastas áreas de toda a vida humana.

Fala muitas vezes do "ensino social" e da "doutrina social" da Igreja: em Puebla e no México, em várias alocações aos trabalhadores e a comissões de estudo, bem como na exortação apostólica "Catechesi tradendae".

Aos bispos latino-americanos proclama explicitamente: "Esta verdade completa sobre o ser humano constitui o fundamento do ensino social da Igreja, assim como é a base da verdadeira libertação".

E depois de ter precisado a dimensão social da propriedade e o significado integral da verdadeira libertação, acrescenta ele: "Tudo o

que lembramos constitui um rico e complexo patrimônio que a "Evangeli nuntiandi" denomina Doutrina social ou Ensino social da Igreja "EN, 38). Esta nasce à luz da palavra de Deus e do magistério autêntico, da presença dos cristãos no meio das situações mutáveis do mundo, em contato com os desafios que elas nos apresentam. Essa Doutrina social comporta, portanto, princípios de reflexão, mas também normas de julgamento e diretivas de ação (cf. OA, 4). Confiar responsávelmente nessa Doutrina social, ainda que alguns procurem disseminar dúvidas e desconfiar sobre ela, estudá-la com seriedade, procurar aplicá-la, ensiná-la, ser-lhe fiel, eis que isto num filho da Igreja constitui garantia da autenticidade do seu empenho nos delicados e exigentes deveres sociais, e dos seus esforços em prol da libertação ou da promoção dos seus irmãos. Permite, pois, que recomende à vossa especial atenção pastoral a necessidade urgente de sensibilizar os vossos fiéis para esta Doutrina social da Igreja" (Puebla, 28 de Janeiro de 1979).

E na "Catechesi tradendae" afirma de novo: "Numerosos Padres do Sínodo solicitaram, com legítima insistência, que o rico patrimônio do ensinamento social da Igreja tivesse seu lugar, com as forças apropriadas, na formação catequética comum dos fiéis" (CT, 29).

A visita do Papa deverá despertar, portanto, o amor, a atenção, o estudo e a aplicação do ensinamento social do magistério.

### 3.3 Construtor da Igreja-comunhão

A visita de João Paulo II a Turim importa-se no contexto renovado da eclesiologia do Vaticano II sobre o serviço do Papa para a comunhão das Igrejas.

Das palavras e das opções concretas do Papa Wojtyła já se vê claramente que o plano do seu pontificado consiste em conseguir a mais fiel realização do Vaticano II. Não é nenhum exagero dizer que esta fidelidade ao Concílio faz parte da estrutura pessoal de João Paulo II que, ao contrário dos seus predecessores, é o primeiro Papa que, com plenitude de título, pode ser definido como "filho do Concílio", conforme palavras de um escritor.

"Quando participou do Concílio tinha pouco mais de quarenta anos. O seu amadurecimento humano e cultural se completou, por isso, nos anos do Concílio, cujo espírito e mentalidade assimilou, pois que tomou parte em todos os seus trabalhos. Foi ele próprio quem o confidenciou, quando aos 5 de junho de 1979 falou ao episcopado polonês reunido em Jasna Góra. A sua pessoal abertura para os problemas e para a dimensão universal da Igreja contemporânea encontra explicação graças à experiência pastoral feita na Polónia, mas principalmente — disse ele — graças ao Concílio, no qual teve a felicidade de participar desde o seu primeiro dia. É a confirmação mais autorizada de que a experiência conciliar foi tão profunda a ponto de transformar os Padres que nela participaram com espírito aberto e atento. Conforme alguém afirmou com justeza, "nenhum deles saiu como havia entrado" (Sorge, s.j., *Le due opzioni di Papa Wojtyła*, Civiltà Cattolica, 6 de outubro de 1979).

O Papa empenha-se no sentido de traduzir em realidade a eclesiologia da "Lumen gentium", cónscio de que é exigente e renovadora, mas que em torno dela surgiram também interpretações desviatórias. Aos bispos latino-americanos falou com vigor da "verdade sobre a Igreja", acusando tanto contra

um certo secularismo, que gostaria de separá-la indevidamente de um "Reino de Deus" interpretado temporalisticamente, como contra uma equívoca formulação de "igreja popular", que não se identifica com a genuína visão do "Povo de Deus" apresentada pelo Concílio.

Neste delicado campo da eclesiologia, João Paulo II está revelando vontade de progresso unida à capacidade do piloto que tem a força para corrigir a marcha quicá um pouco desviada por certas lufadas ideológicas. "Não há garantia de uma ação evangelizadora séria — disse ele em Puebla — se falta uma eclesiologia bem fundamentada... Engendra-se, em alguns casos, uma atitude de desconfiança contra a Igreja 'institucional' ou 'oficial', qualificada como alienante, e à qual se oporia uma outra Igreja 'popular', 'que nasce do povo' e se concretiza nos pobres. Estas posições poderiam implicar, em graus diferentes que nem sempre se podem precisar com exatidão, em conhecidos condicionamentos ideológicos. O Concílio esclareceu qual é a natureza e a missão da Igreja, e como se contribui para a sua unidade profunda e para a sua construção permanente por parte daqueles que estão encarregados dos ministérios da comunidade e devem contar com a colaboração de todo o Povo de Deus" (Puebla, 28 de janeiro de 1979).

A Igreja é o Corpo de Cristo, é terreno privilegiado e específico em que se encontram e se unem a estrada de Cristo rumo ao Homem e a estrada do Homem rumo a Cristo.

A plenitude do encontro entre Cristo e o Homem se realiza na Igreja. Por isso ela não é só benéfica, mas indispensável na história humana: "Todos os caminhos da

Igreja conduzem ao homem" (RH, 14).

É preciso, portanto, que nos empenhemos com todas as forças para realizar o Concílio. Por isso o Papa se movimenta com múltiplas iniciativas, com criatividade e coragem fora do comum. Ao encerrar a sua delicada visita à Polônia, ele próprio afirmava que "em nossos tempos... é preciso ter a coragem de caminhar na direção em que ninguém ainda andou, do mesmo modo como Simão precisou da coragem para dirigir-se do lago de Genezaré da Galiléia para Roma, que lhe era desconhecida" (Cracóvia, 10 de junho de 1979).

Em particular, podemos destacar, como aspectos eclesiológicos que mereceram grande atenção do Papa: "a comunhão das Igrejas particulares", "a colegialidade dos Pastores" e o "ecumenismo".

— *Construir a Igreja universal como intercomunhão de Igrejas particulares*; que cada uma delas seja comunhão e participação de todos os fiéis sob a guia prestativa dos Pastores e encarne o mistério de Cristo com próprias tradições, cultura, exigência, problemas e características. Nesta visão também o ministério papal assume um estilo renovado: presidir a comunhão das Igrejas, tutelando as diversidades, favorecendo a comunhão, que é unidade na fé, na vida litúrgica, na grande disciplina, na solidariedade e colaboração.

— O Papa promove, também, intensamente a *colegialidade com os bispos*, porque ela constitui o meio mais qualificado, como ele disse, "para verificar, com base nas necessidades tanto permanentes como contingentes da humanidade, quais devem ser as formas de presença e as linhas de ação da própria Igreja [...] a fim de comunicar nas

direções da vida e da história [...]. Colegialidade quer dizer também, seguramente adequado desenvolvimento de organismos em parte novos, em parte atualizados, que podem garantir a melhor união dos espíritos, das intenções, das iniciativas no trabalho de edificação do Corpo de Cristo, que é a Igreja" (primeira mensagem ao mundo, 17 de outubro de 1978).

Não creio seja inútil frisar que a visita do Papa a Turim se enquadra em tal programa: fortalecer uma comunhão eclesialística mais consciente e participada, destacando o fato de que ele visita a arquidiocese que tem como pastor o Presidente da Conferência Episcopal Italiana, seu colaborador particular no trabalho de fomentar a comunhão e a colaboração das Igrejas da Itália no seu serviço para o homem e para a sociedade neste momento histórico singularmente difícil.

— Outra particular busca de comunhão eclesiológica é aquela do *ecumenismo*: o serviço para a unidade da Igreja no diálogo com os não-católicos.

João Paulo II promove intensamente esta esperança conciliar. Ele, papa eslavo, principalmente em sua significativa viagem à Turquia, consolidou novas possibilidades de entendimento com as Igrejas ortodoxas do Oriente. "Parece-me — disse ele na liturgia em São Jorge, no Farnar — efetivamente que a pergunta que nos devemos fazer não consiste tanto em saber se podemos restabelecer a plena comunhão, mas ainda mais se temos o direito de permanecer separados. Esta pergunta nos devemos fazer em nome também da nossa fidelidade à vontade de Cristo sobre a sua Igreja [...]. A Igreja não pode responder plenamente a esta vocação [de permitir que o homem viva na plena

liberdade que deriva da comunhão com o Pai, através do Filho, no Espírito, a não ser testemunhando com a sua unidade a novidade desta vida dada no Cristo. 'Eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade' (30 de novembro de 1979).

### 3.4 Nostálgico da santidade

Finalmente, o tema da santidade.

O jovem Karol Wojtyla sentira atração pela vida religiosa contemplativa e, mais tarde, ao doutorar-se em teologia, fez a sua tese de laurea sobre um grande místico espanhol, São João da Cruz.

Conhecemo-lo como um homem de profunda vida interior externa naquele exigente moto mariano "totus tuus", que o caracteriza fortemente nas suas expressões de interioridade.

Uma das suas primeiras preocupações como papa foi o cuidado pela santificação dos sacerdotes e pela defesa do seu carisma de celibato. Nas cartas para a Quinta-Feira Santa que dirigiu aos bispos e sacerdotes, lembra aos primeiros 'o dom da plenitude sacramental do sacerdócio é maior do que todas as cansaças e também que todos os sofrimentos relacionados com [...] o ministério pastoral no episcopado' (Carta aos bispos, Quinta-Feira Santa, 1979); e aos segundos lembra que "sem dúvida alguma não podem ser consideradas como adequada 'atualização' as várias tentativas e projetos de 'laicização' da vida sacerdotal [...]", mas que "definitivamente resultará sempre necessário para os homens somente o sacerdote que acredita profundamente, que professa com coragem a sua fé, que reza com fervor, que ensina com profunda convicção,

sua vida o programa das bem-aventuranças, que sabe amar desinteressadamente, que está perto de todos e, em particular, dos mais necessitados" (Carta aos sacerdotes, Quinta-Feira Santa, 1979).

Além disso, por toda parte aonde se dirige, este Papa cuida do *incremento e da fidelidade dos religiosos* ao seu testemunho carismático; em todas as viagens mantém especiais contatos com eles; chama para colóquio os superiores e as superiores a fim de insistir nas exigências profundas da consagração. Recentemente, na reunião plenária da Sagrada Congregação dos Religiosos e dos Institutos Seculares, tratou com os seus membros da indispensabilidade e centralidade da dimensão contemplativa para todo tipo de vida consagrada; é por este testemunho do primado da relação do homem com Deus que o Papa confirma o seu "convicto apreço — são suas palavras — pelo que representa, na união do Corpo místico, o específico carisma da vida religiosa. Esta constitui na Igreja uma grande riqueza, pois sem as ordens religiosas, sem a vida consagrada, a Igreja não seria plenamente autêntica". E mais adiante acrescenta: "Sei que no contexto dos vossos trabalhos tendes reservada uma particular atenção às almas consagradas à vida contemplativa, reconhecendo nelas o tesouro mais precioso da Igreja".

E aos religiosos de vida apostólica lembra que devem dedicar-se em "favorecer a integração entre interioridade e atividade. Com efeito, o seu primeiro dever consiste em estar com Cristo. Um perigo constante para os operários apostólicos reside no fato de deixar-se absorver pela própria atividade de tal modo para o Senhor, a ponto de esquecer o Senhor de toda atividade" (Discurso na Sessão Ple-

Para todos os fiéis insiste, depois, na consciente e aprofundada participação da comunidade eclesial no "tríplice ofício" que é próprio de Cristo como Mestre e Redentor do homem:

— o testemunho competente e corajoso da verdade;

— a freqüente e renovada participação nos sacramentos vitais da eucaristia e da penitência;

— e a realização da caridade na doação do serviço em prol dos outros e da sociedade (cf. RH, 19, 20 e 21).

O verdadeiro segredo de uma Igreja renovada que saiba preparar um novo advento para o ano 2.000 é a santidade: a própria vida de Cristo em todo homem, em toda família e em toda comunidade.

A expressão mais feliz e atraente desta santidade a vê o Papa em *Maria*. Parece verdadeiramente extraordinária e sugestiva a pessoal devoção do Papa por Nossa Senhora, não só na doutrina, nas exortações, mas nas atitudes, na familiaridade, na piedade, na reza do terço, na intensidade do diálogo constante com ela, na consciência da sua presença na história: "Suplico principalmente a Maria, a celeste Mãe da Igreja, a fim de que se digne, nesta oração do novo advento da humanidade, perseverar conosco, que formamos a Igreja, isto é, com o Corpo místico do seu Filho unigênito".

O amor de Deus "aproxima-se de cada um de nós por meio desta Mãe e, de tal modo, adquire sinais compreensíveis e acessíveis para cada homem. Em conseqüência disso, Maria deve encontrar-se em todas as vias da vida cotidiana da Igreja" (RH, 22).

Aqui em Turim, cidade privilegiada por Nossa Senhora, o Papa encontrará, como já temos apontado, uma dimensão mariana intensa e característica, crescida na robustez de santidade dos seus devotos; em particular, dois santuários, da Consolata e de Valdocco, que apresentam a Mãe de Deus e da Igreja ativamente presente em todos os caminhos da vida cotidiana do homem.

A *Consolata*, perto do mundo do sofrimento, para lenir e aliviar todas as dores na vida e levar com materna força à compreensão do mistério da cruz e à mais profunda colaboração na redenção do homem.

A *Auxiliadora*, perto do mundo apostólico, do Papa, dos Pastores, do Povo de Deus, dos projetos juvenis e do compromisso de trabalho do crente na luta do cotidiano para iluminar a rota, para prestar ajuda nas iniciativas e para reforçar no coração o clima e a energia da esperança.

Oxalá a visita do Papa intensifique em qualidade e popularidade a proverbial devoção mariana dos turinenses!

#### 4. Conclusão

Vou concluir:

Afirmo que a visita do Papa João Paulo II a Turim constitui, na verdade, um "evento"; com efeito, ela movimentou a vós, movimentou a mim, movimentou toda a cidade e a região numa forma excepcionalmente insólita: por toda parte se vêem preparativos para a sua vinda, que será vivida com intensidade e permanecerá gravada nos anais da história da cidade.

Apraz-me repetir e insistir que se trata de um evento "diferente", ou seja, único: não só fora do comum, mas também diferente de qualquer outro, porque tocou a nossa consciência e toca o coração da cidade, muito além dos esquemas culturais e dos quadros ideológicos, toca-o naquilo que há de fé cristã, interpela-o de peito aberto, desafia-o, confronta-o com Cristo, o Senhor da história. Nem todos escavarão fundo, mas a Igreja local há de perfurar um novo e assaz rico depósito de fé, e a cidade inteira ouvirá uma profecia de esperança e se enriquecerá com uma crítica construtiva, que brota da mais integral verdade e do amor.

O Papa é um profeta para todos os homens; é vigário de Cristo para todos, a sua pessoa e a sua palavra trazem luz e esperança para novos horizontes de convivência na paz, de compromisso social em prol do bem comum, de vitória do amor sobre a violência e de testemunho de santidade para o advento do Reino.

Talvez nem todos o queiram ouvir, mas é o que já acontecia nas estradas da Palestina nos tempos de Jesus. Cabe aos crentes e aos discípulos despertar e colaborar, deixando-se sacudir e projetar.

Eu vos convido, irmãos turinenses e "pacientes" ouvintes, a captarem em profundidade o significado deste "evento diferente", como uma grande permuta de salvação; convido-vos a colocar-vos em sintonia de espírito e de ação com as grandes opções pastorais do corajoso sucessor de Pedro, o Papa João Paulo II, pois disso tanto necessita a Igreja local para melhor servir à vasta, operosa, benemérita e atribulada cidade de Turim.

### 5.3 O Reitor-Mor, da África

#### *Carta aos Inspetores*

Caro Inspetor,

Escrevo-te pela segunda vez da África, justamente do centro do continente, da "África negra", numa demorada viagem de tomada de contato com irmãos que aqui desenvolvem atividades de há anos: Camarões, Guiné Equatorial, Gabão, Congo, Zaire, Ruanda, Burundi e Zâmbia.

Em cada estrada dos bairros e em cada vilarejo da floresta, vejo uma aglomeração premente de juventude alegre, que explode de afeição, com grandes olhos curiosos em busca de esperança. Aqui as famílias ainda acreditam na vida; e nos é oferecida uma riquíssima mina de destinatários privilegiados do carisma de Dom Bosco. Aqui o apóstolo se doa e não tem medo de morrer de satisfação no empenho mais salesiano que se possa imaginar.

Cada bispo que cumprimento tem um pedido a fazer-me. Cada comunidade que visito tem um formidável excesso de trabalho a repartir. Cada assembleia religiosa de pobres constitui convite maciço para uma fascinante pastoral juvenil e popular.

Ouve-se ecoar a hora evangélica dos povos africanos: eles têm fome de Cristo! Quantos enganos e escravidades foram importados pelo materialismo capitalista e marxista! Quanta superstição se acumulou durante séculos numa profunda embora rica religiosidade, mas que ainda não se purificou e não foi assumida pela Encarnação do Verbo! Quanta necessidade de Evangelho: realmente, sem Cristo o homem fenece e arrisca!

Na África está despontando um operoso futuro para a nossa Vocação; existe tanto espaço para viver ainda de entusiasmo, para sonhar apostolicamente, para realizar o clima dinâmico das origens: criativo, sacrificado, jubiloso, profético. A visita do Papa constatou esta hora estratégica.

Pois bem: o CG 21 conclamou todas as Inspetorias para um concreto engajamento africano.

Pergunto-te:

A tua comunidade inspetorial já está motivada?

Como?

Cordiais lembranças a ti e aos teus, acompanhadas da alegria e da generosidade dos Irmãos que trabalham na África, especialmente das jovens gerações autóctones, que vão descobrindo em Dom Bosco um magnífico presente de Deus para a juventude do Continente.

A confiança em Maria Auxiliadora estimule a vontade apostólica de toda a Família Salesiana.

Fraternalmente,  
P. EGÍDIO VIGANÓ  
Reitor-Mor

Butare (Ruanda), 24 de maio de 1980.

#### 5.4 Nomeação de novos Inspetores

Com o consentimento do Conselho Superior, o Reitor-Mor nomeou Inspetores os seguintes Irmãos:

— P. José Ramón GURRUCHAGA para a inspetoria peruana "Santa Rosa", em Lima.

P. José Ramón Gurruchaga nasceu em Baracaldo (Espanha) aos 29 de março de 1931. Fez a primeira profissão religiosa em Mohernando a 16 de agosto de 1949. Fez os estudos teológicos em Turim-Crocet-

ta, onde foi ordenado sacerdote em 1961.

É licenciado em filosofia e em teologia além de possuir um diploma em agronomia.

Estudou pastoral em Salamanca (Espanha) no período de 1962 a 1963. Foi diretor do estudantado 1973 a 1975 foi diretor e pároco em filosófico em Chosica (Peru) de 1964 a 1971. De 1971 a 1973 exerceu o cargo de vigário inspetorial e foi diretor do Politécnico em Lima. De 1973 a 1975 foi diretor e pároco em Madalena do Mar, Conselheiro inspetorial e vigário pastoral da arquidiocese de Lima. De 1975 até hoje é Inspetor de México, México.

— P. Macrino GUZMÁN GUZMÁN

Nomeado para a Inspetoria "Cristo Rei e Maria Auxiliadora" de Guadalajara (México).

P. Macrino Guzmán Guzmán nasceu a 28 de novembro de 1933 em Estanzuela (México). Fez a primeira profissão religiosa em Coalcaco a 16 de agosto de 1957. Foi ordenado sacerdote a 29 de junho de 1967.

Frequentou o curso de Pedagogia e depois o de Metodologia na Pontifícia Universidade Salesiana nos anos 1968-1971.

Foi mestre de noviços e diretor desde 1971. De 1977 em diante exerceu o cargo de Conselheiro inspetorial.

— P. Henryk JACENCIUK para a nova Inspetoria polonesa de "Santo Adalberto", em Pila.

P. Henryk Jacenciuk nasceu aos 24 de outubro de 1923 em Kupien-tyn (Varsóvia). Fez a primeira profissão religiosa em 1944. Depois de ordenado sacerdote em 1951 continuou os estudos de direito canônico.

Trabalhou nas Casas de formação como professor e administrador, antes na Casa de Aleksandrów

Kujawski, depois durante três anos em Róanystok. De 1956 até 1964 lecionou direito canônico no seminário maior de Lad.

Trabalhou como diretor e pároco em Kumia de 1964 a 1970. De 1972 até 1980 foi Ecônomo inspetorial da Inspeção de Lódz.

P. Cyril KENNEDY

Nomeado para a Inspeção de "Santo Tomás de Cantuária", na Grã-Bretanha.

P. Cyril Kennedy nasceu a 27 de novembro de 1923 em Brinscall, Lancashire (Grã-Bretanha). Fez a primeira profissão religiosa a 31 de agosto de 1941. Foi ordenado sacerdote em 15 de julho de 1951. Obteve o diploma universitário em ciências físicas e diplomou-se em pedagogia.

De 1951 a 1974 foi professor em diversas Casas. Em 1974 foi nomeado diretor da Casa de Farnborough e em 1977 exerceu o cargo de vigário inspetorial. Em 1979 frequentou o curso de espiritualidade na Pontifícia Universidade Salesiana.

P. Mieczyslaw PILAT para a nova Inspeção polonesa "São João Bosco", em Wrocław.

P. Mieczyslaw Pilat nasceu a 10 de julho de 1935 em Suchowola (Polónia). Fez a primeira profissão religiosa em 1953 e foi ordenado sacerdote em 1962. Licenciou-se em teologia moral na Universidade Católica de Lublin e a em espiritualidade na Academia Teológica de Varsóvia. Foi professor de teologia moral durante muitos anos no seminário de Cracóvia. Exerceu o cargo de vigário inspetorial durante 11 anos.

— P. Heitor Júlio LÓPEZ para a Inspeção colombiana "São Pedro

Nasceu em Tunja (Colômbia) a 23 de julho de 1941. Fez a profissão religiosa simples em 1958. Frequentou os estudos teológicos em Benediktbeuern (Alemanha), onde foi ordenado sacerdote a 30 de junho de 1968.

Nos anos 1968-1969 estudou Pastoral em Roma e em Madri e obteve o diploma de Pastoral. De 1972 a 1975 foi diretor em Mosquera. De 1977 a 1980 é diretor do estudantado teológico e filosófico de El Porvenir (La Cita). De 1975 até hoje é Conselheiro inspetorial.

— P. Hilário MOSER para a Inspeção brasileira "Maria Auxiliadora", em São Paulo.

P. Hilário Moser nasceu a 2 de dezembro de 1931 em Rio dos Cedros (Brasil). Fez a primeira profissão religiosa em Pindamonhangaba em 1949. Foi ordenado sacerdote em São Paulo em 1958.

Em 1961 laureou-se em teologia no Pontifício Ateneu Salesiano. Frequentou um curso de teologia bíblica em Jerusalém. Foi professor de dogmática no estudantado teológico de São Paulo desde 1962 e em seguida diretor dos estudos no mesmo estudantado; de 1975 para cá ali exerce o cargo de Diretor da Casa. Em 1976 foi eleito Conselheiro inspetorial. Foi Delegado para o Capítulo Geral 21 e atualmente é membro da Comissão inspetorial para a formação.

## 5.5 Novos bispos

— D. FERNANDO LEGAL

O Santo Padre nomeou bispo de Itapeva, no Estado de São Paulo (Brasil), P. Fernando LEGAL, Superior da Inspeção salesiana de São Paulo (Brasil).

O novo bispo nasceu em São Paulo (Brasil) a 17 de dezembro

de 1931 e fez a primeira profissão religiosa em Pindamonhangaba (Brasil) a 31 de janeiro de 1950 e foi ordenado sacerdote em São Paulo aos 8 de dezembro de 1959.

Depois de frequentar a Faculdade Teológica da Assunção em São Paulo, foi a Roma a fim de estudar na nossa universidade salesiana e no Ateneu alfonsiano, obtendo a licença em teologia e o diploma em sociologia.

Regressando ao Brasil, ensinou teologia dogmática e moral no Instituto Teológico "Pio XI" de São Paulo, exercendo antes a função de coordenador dos estudos e, em seguida, a de diretor. De 1966 a 1972 foi membro do Conselho inspetorial de São Paulo até ser nomeado Inspetor da mesma província em 1976, logo após a morte inesperada do P. José Antônio Romano.

#### — D. BASÍLIO MVÉ

Em data de 24 de abril de 1980 o Santo Padre nomeou P. Basílio Engone MVÉ bispo coadjutor, com direito de sucessão, de Sua Excelência Revma. D. Francisco Ndong, bispo de Oyem (Gabão).

D. Basílio Mvé nasceu a 30 de maio de 1944 em Nkomelene, na diocese de Oyem. Depois de fazer os estudos primários em Oyem, o jovem Basílio matriculou-se no seminário menor da arquidiocese de Libreville (1957-1965). A 4 de setembro de 1968, depois de completar regularmente o noviciado em Dormans (França), fez a primeira profissão religiosa. Frequentou o seminário maior de Lubumbashi, no Zaire, para os estudos de filosofia e teologia (1970-1974).

Foi ordenado sacerdote em Oyem a 29 de julho de 1973. Exerceu o sagrado ministério primeiro como assistente do mestre dos noviços (1974-1975) em Pointre-Noire, no Congo; no ano seguinte foi vigário

paroquial, assistente dos jovens, catequista e capelão da cadeia em Port-Gentil (Gabão); depois disso foi a Roma e frequentou (1976-1977) o primeiro ano do biênio de espiritualidade na Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Salesiana. A partir de 1977 passou a exercer o cargo de diretor espiritual do seminário menor da arquidiocese de Libreville e assumiu ao mesmo tempo as funções de assistente da Juventude Operária Cristã (JOC) e de responsável pelas emissões católicas da rádio nacional e da televisão.

#### — D. JOSÉ VICENTE HENRÍQUEZ

O Santo Padre nomeou bispo auxiliar de Barinas, na Venezuela, P. José Vicente Henríquez Andueza, atualmente diretor da comunidade salesiana de Altamira, Caracas (Venezuela).

O novo bispo nasceu em Valência, Venezuela, a 28 de janeiro de 1928. Fez a primeira profissão religiosa em Los Teques, Venezuela, a 23 de fevereiro de 1944 e foi ordenado sacerdote em Roma aos 17 de dezembro de 1955, pelo cardeal Antônio SAMORÉ.

Depois de frequentar a Faculdade de Filosofia no Pontifício Ateneu Salesiano de Turim e a Faculdade de Teologia da Gregoriana em Roma, obteve licenciatura em filosofia e teologia.

Regressando à Venezuela, ensinou filosofia no nosso Instituto Filosófico de Caracas, exercendo concomitantemente a função de coordenador da pastoral dos clérigos, e em seguida foi diretor e mestre dos noviços. Em 1966 foi nomeado Conselho inspetorial e, em 1967, Inspetor.

Em 1971 foi eleito membro do Conselho Superior da Congregação

Salesiana, com o cargo de Conselheiro regional para a América Latina, região do Pacífico-Caribe. Ao término do seu mandato regressou à Venezuela como diretor da comunidade salesiana de Altamira.

### 5.6 Ex-Alunos: novo Presidente

O Reitor-Mor designou o Dr. José Castelli na qualidade de novo Presidente confederal dos Ex-alunos.

Ex-aluno em Maróggia, laureado em ciências econômicas pela Universidade Católica de Friburgo, Presidente da União dos Ex-alunos de Maróggia, Presidente Nacional da Federação dos Ex-alunos da Suíça, tesoureiro da Confederação Mundial.

É um dos mais estimados peritos em direito comercial na Suíça.

Dirige uma escola de especialização profissional.

É membro do Comitê da Organização Mundial dos Alunos e Alunas Antigos das Escolas Católicas (OMAAEC).

Fator de atividades em sustento das missões em vários países em via de desenvolvimento e de iniciativas para os ex-alunos e para a Família Salesiana.

Sucede ao Dr. José González Torres, tão benemérito da Confederação.

Ele havia visitado a sessenta e nove Federações nacionais dos ex-alunos do mundo e organizara os Congressos Latino-Americanos do México em 1974 e do Panamá em 1978, além do asiático-australiano de Hong Kong e o europeu de 1978.

## 5.7 Dados estatísticos anuais 31.12.1979

	casas	sacerdotes	diáconos permanentes	Votos temp.		Votos perpét.		Total Irmãos	bispos	Noviços			Total Noviços	Total geral
				clérigos	coadjutores	clérigos	coadjutores			clérigos	coadjutores	sacerdotes		
01 ÁFRICA CENTRAL	21	136		12	3	9	24	184		1	2	3	187	
02 ANTILHAS	22	119		31	1	6	21	178				9	187	
03 ARGENT. BAHÍA BLANCA	27	159		9	2	3	18	191	2	5		5	196	
04 ARGENT. BUENOS AIRES	28	176		26	1	13	22	238	6	6		6	244	
05 ARGENT. CÓRDOBA	21	133		22			11	166	1	13	1	1	181	
06 ARGENT. LA PLATA	17	95		6		5	16	122	1	5	1	6	128	
07 ARGENT. ROSÁRIO	16	114		10	2	4	22	152		4		4	156	
08 AUSTRÁLIA	10	73	1	15		4	27	120		4		4	124	
09 ÁUSTRIA	24	141		9	1	5	20	176		2		2	178	
10 BELGICA NORTE	17	218		17		4	26	265	1	1		1	266	
11 BELGICA SUL	12	113		4		2	9	128		3		3	131	
12 BOLÍVIA	13	68		8	2	5	16	99	1	3		3	102	
13 BRAS. BELO HORIZONTE	25	131		17	1	5	29	183	1	5		5	188	
14 BRAS. CAMPO GRANDE	19	122		18	1	5	25	171	6	3		3	174	
15 BRAS. MANAUS	14	86		9	2	3	23	123	4	1		1	124	
16 BRAS. PORTO ALEGRE	18	100		20	1	5	13	139		7		7	146	
17 BRAS. RECIFE	12	66		9	2	2	20	99	2	4		4	103	
18 BRAS. SÃO PAULO	22	134		31	1	9	29	204		12		12	216	
19 AMÉRICA CENTRAL	24	141		24	1	6	29	201	6	12		12	213	
20 CHILE	26	155		23	2	8	31	219	2	2		2	221	
21 CHINA	13	102		5	2	7	43	159					159	
22 COLOMBIA BOGOTÁ	15	128		24		4	47	203	1	5		5	208	
23 COLOMBIA MEDELLÍN	16	86		12		5	27	130		2		2	132	
24 EQUADOR	41	175		36	2	10	37	260	3	8		8	268	
25 FILIPINAS	14	96		81	8	9	19	213		25		25	238	
26 FRANÇA PARIS	29	222		8	1	1	35	267	1	2		2	269	
27 FRANÇA LYON	19	144		2	1	4	32	183		1		1	184	
28 ALEMANHA COLÓNIA	17	125		8	8	3	42	186		2	6	1	195	
29 ALEMANHA MUNIQUE	23	172		19	7	4	79	281		4	2	6	287	
30 JAPÃO	16	100		5	1	9	24	139					139	
31 GRÃ-BRETANHA	15	170		18	2	7	29	226		9		9	235	
32 ÍNDIA BANGALORE	12	84		69	6	15	13	187		18		18	205	
33 ÍNDIA BOMBAIM	11	68		61	5	22	14	170		14	1	15	185	
34 ÍNDIA CALCUTÁ	14	117		74	7	30	30	258	2	16	1	17	275	
35 ÍNDIA GAUHATI	25	155		120	10	32	32	349	4	23	2	25	374	
36 ÍNDIA MADRASTA	22	135		62	9	19	26	251		21	1	22	273	
37 IRLANDA	10	127		27		5	23	182		2		2	184	
38 ITÁLIA ADRIÁTICA	16	153		1	1	1	37	193					193	
39 ITÁLIA CENTRAL	17	209	1	10	5	8	156	389	1	2	2	4	393	
40 ITÁLIA LIGURE-TOSCANA	18	200		2		10	55	267		1		1	268	
41 ITÁLIA LOMBARDO-EM.	25	353		10	4	5	84	456		4	1	5	461	
42 ITÁLIA MERIDIONAL	33	280	2	20	2	8	65	377		4		4	381	

	casas	sacerdotes	diáconos permanentes	Votos temp.		Votos perpét.		Total Irmãos	bispos	Noviços			Total Noviços	Total geral
				clérigos	coadjutores	clérigos	coadjutores			clérigos	coadjutores	sacerdotes		
43 ITÁLIA NOVARENSE	17	187		3	3	7	68	268		2			2	270
44 ITÁLIA ROMANO-SARDA	27	288	1	26	2	23	79	419	2	3	1		4	423
45 ITÁLIA SÍCULA	32	339		37	2	12	45	435		2			2	437
46 ITÁLIA SUBALPINA	25	370		14	1	21	129	535		4			4	539
47 ITÁLIA VENEZIA	18	211	1	12	—	14	70	308		2			2	310
48 ITÁLIA VERONA	17	207	2	4	1	8	58	280		—			—	280
49 JUGOSLÁVIA LJUBLJANA	12	100		33	—	6	23	162		5			5	167
50 JUGOSLÁVIA ZAGREB	5	72		11	1	12	9	105		3			3	108
51 COREIA	4	17		—	—	2	6	25		3			3	28
52 ORIENTE MÉDIO	13	108	1	5	1	8	36	159	1	—			—	159
53 MÉXICO GUADALAJARA	16	106		14	—	9	16	145		3			3	148
54 MÉXICO MÉXICO	23	93		20	1	5	13	132	1	3			3	135
55 HOLANDA	10	75		3	—	2	35	115		1			1	116
56 PARAGUAI	10	66		7	—	4	9	86	3	—			—	86
57 PERU	18	113		16	—	3	16	148	2	1			1	149
58 POLÓNIA CRACÓVIA	31	301		61	1	6	28	397		19			19	416
59 POLÓNIA LODZ	22	333		92	2	19	43	489		36	2		38	527
60 PORTUGAL	22	123	1	9	3	13	57	206		2	1		3	209
61 ROMA GERAL	1	67		—	—	—	27	94		—			—	94
62 ROMA-U.P.S.	4	91	1	—	—	—	17	109		—			—	109
63 ESPANHA BARCELONA	29	203		24	—	21	51	299		4			4	303
64 ESPANHA BILBAO	16	129		47	6	32	63	277		12			12	289
65 ESPANHA CÓRDOBA	17	147		8		4	13	172		3			3	175
66 ESPANHA LEÓN	24	187		34	14	16	67	318		12			12	330
67 ESPANHA MADRI	21	244		58	45	37	104	488		11	15		26	514
68 ESPANHA SEVILHA	24	151		12	2	5	44	214		4	1		5	219
69 ESPANHA VALÉNCIA	22	176		22	—	12	39	249		3	2		5	254
70 ESTADOS UNIDOS LESTE	22	182		49	7	16	59	313		7			7	320
71 ESTADOS UNIDOS OESTE	12	96		10	4	10	35	155		3			3	158
72 TAILÂNDIA	8	57		15	1	8	12	93	1	8	2		10	103
73 URUGUAI	24	138		7	1	2	13	161	3	7			7	168
74 VENEZUELA	26	194	1	29	2	4	33	263	3	5			5	268
75 VIETNÃ	-	19		27	7	50	12	115		—			—	115*
Não catalogados		200		—	—	64	42	306					—	306*
TOTAL	1381	11273	12	1703	211	776	2751	16726	61	433	44	2	479	17266

\* Dados não certos

## 5.8 Irmãos falecidos

“Conservamos a lembrança de todos os irmãos que repousam na paz de Cristo. (...) Sua lembrança é para nós estímulo para continuarmos com fidelidade nossa missão” (Const. art. 66).

Errata corrige (Atos N. 296)

P Adriaensens Camillo (BEN)	* Opdorp (Belgio)	10.9.13
	Groot-Bijgaarden	21.9.33
	Oud-Heverlee	19.12.42
	† Bonheiden (Belgio)	7.12.79
<hr/>		
F Adamski Mariano (POL)	* Wozotów (Polonia)	27.01.01
a. 62	Czerwinsk (Polonia)	1.08.36
	Kraków (Polonia)	11.06.44
	† Warszawa (Polonia)	31.03.80
P Antonacci Antonio (IME)	* S. Agata di Puglia (Fg)	11.04.11
a. 69	Portici (Napoli)	14.09.29
	Roma	29.06.39
	† Napoli	6.03.80
P Babiak Giuseppe (IRS)	* Suchá (Cecoslovacchia)	12.10.900
a. 80	Genzano (Roma)	12.09.23
	Roma	26.03.32
	† Latina	20.02.80
L Baca-Baczynsky Stanislaw (POL)	* Graboszyce (Polonia)	17.11.02
a. 78	Gzerwinsk (Polonia)	23.07.32
	† Rózanystok (Polonia)	16.02.80
L Barbal José (SBA)	* Montardit (Spagna)	26.03.07
a. 73	Barcelona (Spagna)	15.07.26
	† Barcelona (Spagna)	3.06.80
L Beltrame Pedro (ARO)	* Recreo (Argentina)	28.9.07
a. 72	Bernal (Argentina)	23.01.26
	† Santa Fé (Argentina)	4.03.80
P Benvenuti Luigi (IVO)	* Borghetto all'Adige (Tn)	3.05.89
a.83	Ivrea (Torino)	29.09.14
	Torino	12.08.23
	† Negrar (Verona)	15.01.80
L Beretta Giuseppe (INE)	* Bolgare (Bergamo)	24.11.14
a. 65	Portici (Napoli)	16.08.52
	† Novara	17.03.80

P Bonvicino Ignazio (ISU) a. 88	* Calliano (Asti)	9.04.892
	Fogizzo (Torino)	15.09.09
	Fogizzo (Torino)	22.09.17
	† San Benigno (Torino)	19.02.80
L Boudier Hans (OLA) a. 57	* 's-Gravenhage (Olanda)	12.01.23
	Twello (Olanda)	16.08.48
	† Amersfort (Olanda)	25.04.80
P Burczyk Hermann (GEK) a. 88	* Ruda (Polonia)	8.12.91
	Untermaltdersdorf (Germ.)	18.08.20
	Torino	11.07.26
	† Köln (Germania)	9.03.80
P Burgh David de (SUO) a. 62	* Kimberley (Sud Africa)	22.04.18
	Beckford (Gran Bret.)	29.08.37
	Blaisdon (Gran Bret.)	14.07.46
	† San Francisco (USA)	23.05.80
L Cancellier Luigi (IVE) a. 58	* Pasiano (Pordenone)	11.03.12
	Albaré (Verona)	16.08.65
	† Udine	08.01.80
P Canepa Aldo (ABA) a. 40	* San Isidro (Argent.)	28.10.39
	Moron (Argent.)	31.01.58
	Roma	22.12.66
	† San Isidro (Argent.)	2.04.80
P Castellino Carlo (MOR) a. 72	* Villanova Mondovi (Cn)	10.06.08
	Cremsan (Israele)	2.11.35
	Il Cairo (Egitto)	8.10.44
	† Villanova Mondovi (Cn)	3.05.80
L Cebula Jan (POK) a. 70	* Golkowice (Polonia)	27.08.09
	Czerwinski (Polonia)	20.07.29
	† Rabka Zdrój (Polonia)	17.03.80
P Chiabotto Lorenzo (ICE) a. 80	* Torino	19.09.99
	Fogizzo (Torino)	19.09.19
	Torino	10.07.27
	† Colle don Bosco (At)	31.05.80
P Coelho Ernesto (ABA) a. 53	* Buenos Aires (Argent.)	18.10.25
	Morón (Argent.)	31.01.46
	Córdoba (Argent.)	20.11.55
	† Boulogne (Argent.)	28.03.80
L Corrado Antonio (IME) a. 57	* Vibo Valentia (Catanz.)	13.08.22
	Portici (Napoli)	16.08.45
	† Castellammare di St. (Na)	2.02.80
L Crivellotto Bortolo (IVE) a. 76	* Farra Vicentina (Vic.)	29.05.04
	Este (Padova)	22.08.36
	† Mogliano Veneto (Tv)	21.04.80

L Dellavalle Ernesto (THA) a. 79	* Torino Villa Moglia (Torino) † Bang Kok (Thailandia)	25.10.01 25.09.27 25.05.80
P Dho Giovenale (GMG)	* Roccaforte (Cuneo) Santiago (Cile) Santiago (Cile) † Roma	13.02.22 4.02.39 28.11.48 17.05.80
Conselheiro para a past. juvenil: 4 anos		
Conselheiro para a Formação Salesiana: 3 anos		
L Doherty Thomas (IRL) a. 62	* Glasgow (Gran Bret.) Beckford (Gran Bret.) † Cape Town (Sud Africa)	17.10.17 31.08.38 10.03.80
P Fraile Manuel (SSE) a. 80	* Valdunciel (Spagna) S. José del Valle (Spagna) Cadice (Spagna) † Campano (Spagna)	17.12.99 12.09.18 21.12.29 9.03.80
P Gallini Pietro (IME) a. 91	* Roma Genzano (Roma) Frascati (Roma) † Castellammare di St. (Na)	26.08.89 1.03.08 4.04.20 13.04.80
P Gallotta Teodosio (IME) a. 61	* Pietragalla (Potenza) Guiabá (Brasile) Silvania (Brasile) † Napoli	19.12.18 29.01.36 7.01.45 20.04.80
P Gayone Alcide (ABB) a. 69	* Patagones (Argentina) Fortín Mercedes (Argentina) Córdova (Argentina) † La Plata (Argentina)	23.07.11 29.01.30 29.11.42 11.03.80
P Giacomuzzi Carlo (VEN) a. 71	* Ziano di Fiemme (Trento) Villa Moglia (Torino) La Vega (Venezuela) † Caracas (Venezuela)	5.11.08 13.09.28 11.09.38 15.02.80
P Gimbert Pierre (ANT) a. 98	* Châteauburg (Francia) Hechtel (Belgio) Tournai (Belgio) † Petion-Ville (Haiti)	2.10.81 19.12.01 31.07.10 21.02.80
L Giraldo Antonio (COB) a. 74	* Salamina (Colombia) Mosquera (Colombia) † Bogotá (Colombia)	7.01.04 15.08.70 24.11.78
P Howatt John (IRL) a. 74	Belfast (Irlanda) Cowley (Gran Bret.) Blaisdon (Gran Bret.) † Palaskenry (Irlanda)	25.08.06 9.09.33 19.07.42 10.04.80

P Khill Giovanni (MOR)	* Nazareth (Israele)	23.03.96
a. 84	Cremisan (Israele)	13.02.16
	Betlemme (Israele)	15.08.25
	† Betlemme (Israele)	11.02.80
P Kimmeskamp	* Werden (Germania)	24.02.05
Hermann (GEK)	Ensdorf (Germania)	15.08.30
a. 75	Santiago (Cile)	26.11.39
	† Köln (Germania)	2.05.80
P Laskowski Adam (POK)	* Loniowy (Polonia)	27.07.16
a. 63	Czerwinsk (Polonia)	1.08.36
	Kraków (Polonia)	11.06.44
	† Kraków (Polonia)	24.03.80
P León Julio (COB)	* Vergara (Colombia)	13.07.89
a. 90	Mosquera (Colombia)	24.01.14
	Bogotá (Colombia)	28.10.21
	† Bogotá (Colombia)	24.10.79
P Lo Schiavo Luigi (ISI)	* Gioiosa Ionica (Reg. Cal.)	17.01.07
a. 73	San Gregorio (Catania)	14.10.23
	Palermo	19.08.34
	† Catania	2.03.80
P Lunardi Antonio (IVO)	* Galzignano (Padova)	13.02.08
a. 72	Gremisan (Israele)	8.11.29
	Betlemme (Israele)	24.04.38
	† Monteortone (Padova)	9.04.80
E Marchesi Giovanni, mons.	* Villa di Serio (Berg.)	24.06.89
a. 91	Ivrea (Torino)	10.04.21
	Bergamo	8.04.16
	Ord. Episcop.	24.05.62
	† Pinerolo (Torino)	3.06.80

Auxiliar na Prelazia de Rio Negro: 5 anos

P Masson Pedro (ARO)	* Villa Iris (Argentina)	13.08.09
a. 70	Bernal (Argentina)	28.01.28
	Córdoba (Argentina)	27.11.38
	† Rosario (Argentina)	19.04.80
P Maurina Paolo (IVO)	* Spormaggiore (Trento)	4.02.21
a. 59	Cremisan (Israele)	7.10.37
	Betlemme (Israele)	25.07.48
	† Verona	7.03.80
P McElligott Richard (IRL)	* Kerry (Irlanda)	11.08.89
a. 90	Burwash (Gran Bret.)	2.09.10
	Cape Town (Sud Africa)	29.09.17
	† Pallaskenry (Irlanda)	5.06.80

## 74 ATOS DO CONSELHO SUPERIOR

P Ter Meer Herman (OLA) a. 76	* 's-Gravenhage (Olanda)	28.03.04
	Villa Moglia (Torino)	14.09.30
	Torino	3.07.38
	† Rosmalen (Olanda)	5.03.80
P Moisé Amedeo (ABA) a. 79	* Buenos Aires (Argent.)	29.01.01
	Bernal (Argent.)	12.01.18
	Buenos Aires (Argent.)	2.02.29
	† Buenos Aires (Argent.)	1.02.80
P Monclús Sebastian (SBA) a. 81	* Abiego (Spagna)	2.08.98
	Barcelona (Spagna)	5.11.22
	Madrid (Spagna)	5.5.32
	† Barcelona (Spagna)	25.12.70
P Mondin Nilo (IVO) a. 50	* Alano (Belluno)	9.09.29
	Este (Padova)	16.08.47
	Monteortone (Padova)	29.06.60
	† Este (Padova)	2.05.80
P Monteverde Enrique (ABB) a. 72	* Bahia Blanca (Argent.)	20.12.07
	Fortín Mercedes (Argent.)	26.01.24
	Torino	8.07.34
	† Bahía Blanca (Argent.)	5.03.80
P Mussone Giulio (ISU) a. 71	* Aosta	15.06.08
	Villa Moglia (Torino)	18.10.25
	Torino	8.07.34
	† Torino	28.03.80
P Paganinni Giovanni (ILE) a. 69	* Magnago (Milano)	28.03.11
	Villa Moglia (Torino)	12.09.29
	Torino	3.07.49
	† Como	20.05.80
P Palestro Romeo (BOL) a. 66	* S. Desiderio (Asti)	19.08.13
	Villa Moglia (Torino)	8.09.32
	Santiago (Cile)	28.11.43
	† La Paz (Bolivia)	4.12.79
P Petruccelli Pompeo (IME) a. 73	* Alberona (Foggia)	2.09.06
	Genzano (Roma)	20.09.22
	Caserta	30.05.31
	† Alberona (Foggia)	11.03.80
P Pinilla Fernando (CIL) a. 36	* Santiago (Cile)	4.09.43
	Quilpué (Cile)	31.01.62
	Santiago (Cile)	26.01.74
	† Puerto Natales (Cile)	9.01.80
L del Prado Justiniano (SBI) a. 87	* Presencio (Spagna)	8.04.93
	Madrid (Spagna)	8.12.10
	† Bilbao (Spagna)	1.01.80

L Prunotto Guido (MOR) a. 49	* Costigliole (Asti)	1.12.30
	Morzano (Vercelli)	3.12.46
	† Il Cairo (Egitto)	28.09.79
P Ressico Antonio (ISU) a. 90	* Palestro (Vercelli)	29.08.89
	Fogizzo (Torino)	15.09.09
	Ivrea (Torino)	29.05.15
	† Torino	7.07.79
P Robayo Oracio (COB) a. 78	* Bogotá (Colombia)	12.01.900
	Mosquera (Colombia)	30.07.27
	Bogotá (Colombia)	25.11.34
	† Bogotá (Colombia)	3.09.79
P Rodríguez Afonso (COM) a. 91	* Hato del Lemos (Col.)	22.03.89
	Mosquera (Colombia)	12.01.18
	Bogotá (Colombia)	3.02.24
	† Cali (Colombia)	30.01.80
L Rubiano Juan (COB) a. 87	* Siquima (Colombia)	17.12.92
	Mosquera (Colombia)	5.01.16
	† Fusagasugá (Colom.)	9.09.79
P Sagasti Pedro (ECU) a. 71	* Puebla (Ecuador)	8.10.08
	Quito (Ecuador)	1.10.26
	Cuenca (Ecuador)	6.01.37
	† Quito (Ecuador)	21.02.80
P Stano Ladislav (CES) a. 92	* Rozsahegy (Ungheria)	21.05.88
	Lombriasco (Torino)	29.09.08
	Lanusei (Roma)	26.09.15
	† Holic (Cecoslovacchia)	4.03.80
P Teixeira Enrique (BBH) a. 67	* Oliveira (Brasile)	29.09.12
	Lavrinhas (Brasile)	28.01.31
	São Paulo (Brasile)	8.12.40
	† Brasilia (Brasile)	10.01.80
P Temperini Enrico (ABB) a. 84	* Montegranaro (AP)	5.01.96
	Bernal (Argentina)	26.01.15
	La Plata (Argent.)	20.09.24
	† Buenos Aires (Arg.)	11.02.80
L Toscano Pasquale (ISI) a. 69	* Pedara (Catania)	8.06.11
	San Gregorio (Catania)	16.8.42
	† Pedara (Catania)	16.04.80
P Valjavec Giovanni (JUL) a. 91	* Lese (Jugoslavia)	14.03.88
	Oswiecim (Polonia)	29.09.06
	Ljubljana (Jugosl.)	29.06.15
	† Ljubljana (Jugosl.)	26.04.79

76 ATOS DO CONSELHO SUPERIOR

---

P Varisco Vincenzo (COB) a. 54	* Carugate (Milano)	10.01.25
	Villa Moglia (Torino)	16.08.47
	Bollengo (Torino)	1.07.55
	† Bogotà (Colombia)	15.08.79
L Volta Carlo (ICE) a. 78	* Serralunga di Crea (Al)	10.12.01
	Villa Moglia (Torino)	18.09.27
	† Ivrea (Torino)	27.04.80
P Zunino David (SUO) a. 69	* San Francisco (USA)	29.09.10
	Richmond (USA)	8.09.29
	Torino	3.07.38
	† Surrey (USA)	29.02.80